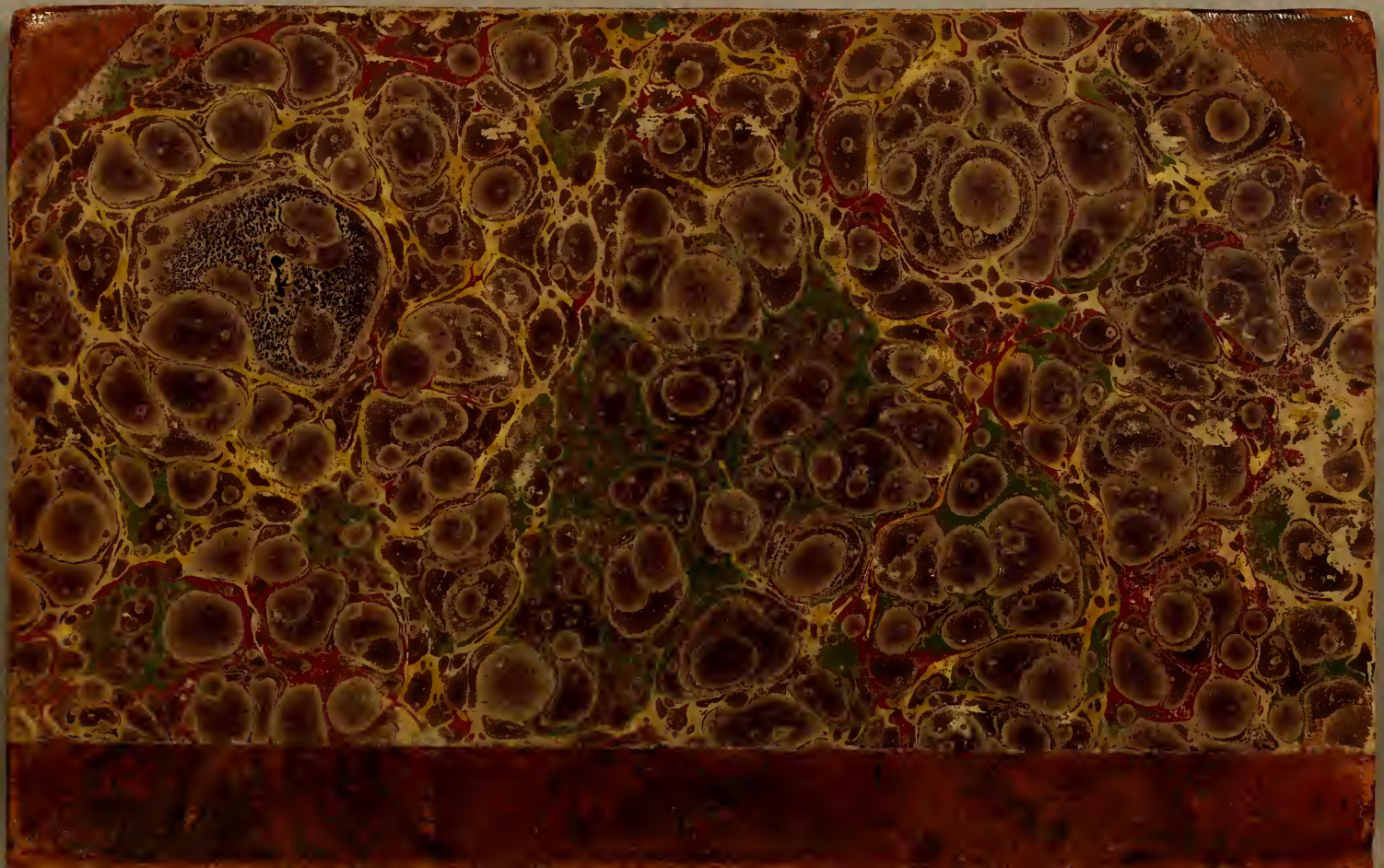


L7U 25

John Carter Brown
Library
Brown University

# MEMORIA
## HISTORICA
## DA
## INVASÃO DOS FRANCEZES
## EM
# PORTUGAL
## NO
## ANNO DE 1807.

---

RIO DE JANEIRO. M. DCCC. VIII.

NA IMPRESSÃO REGIA.

## §. I.

PARTIO o PRINCIPE REGENTE com toda a Familia Real n'uma Esquadra de quinze Vasos de Guerra no dia 29 de Novembro de 1807, deixando nos corações de seus vassallos, principalmente nos do povo da Capital, a maior consternação, e desalento, que jámais se experimentou nas calamidades de Portugal. Não podia consolar os afflictos Portuguezes o Governo, que elle deixou estabelecido de seu nome e authoridade; porque no mesmo dia em que deo á véla o Soberano, e em que o acompanhárão dezoito Navios mercantes, o dito Governo impedio a sahida a todos os outros, que aparelhavão a toda a pressa, mas que não tinhão ainda sahido a barra: ás ordens do Governo forão executadas por meios de violencia, porque da Torre de Belém se fizerão quatorze tiros de canhão sobre a Galéra Indiano, que retrocedeo para o porto de Lisboa: e o que he mais notavel he, que o Illustre Commandante da Fragata de Guerra a Carlota, que havia recebido ordens expressas para seguir a derrota da Esquadra, foi retido pelo mesmo Governo da Regencia, dizendo-se-lhe no Arsenal, que

nem hum só fio de véla se lhe concederia para effectuar a sua sahida ; e esta ordem foi intimada pelo proprio Auditor da Marinha debaixo das penas de crime de leza Nação contra os Infractores.

## §. II.

No dia seguinte 30 de Novembro entrou na Capital a vanguarda do Exercito Francez , cujos soldados vinhão rotos , descalços , e estropeados de fadigas , e fomes , que soffrerão na sua marcha , que não se fez com tanta disciplina , que não commettessem alguns excessos de licença Militar ; como foi o assassinio do honrado Capitão Mór de Pernes, que generósamente os havia hospedado ; a destruição, e incendio de lagares de azeite , de quintas , de olivaes , e outros predios rusticos , e os roubos violentos que nelles commettião , principalmente nos gados , e adegas. Destas vexações era bem de esperar, como com effeito aconteceo , que tambem os Portuguezes perpetrassem morte de varios Francezes , cujos membros se achárão ao depois espalhados aqui , e acolá em alguns Sitios , ou Villas da margem direita do Tejo , por onde marchava o dito Exercito.

O General em Chefe Mr. Junot , que havia sido Embaixador em Lisboa , entrou nesta Capital no mesmo dia 30 de Novembro das onze horas para o meio dia. Tinha elle feito preceder a sua entra-

trada por huma breve Proclamação em que afiança-va aos Habitantes de Lisboa a paz e a tranquillida-de , e a protecção de seu Amo Napoleão ; decla-mando ao mesmo passo contra a tyrania , e oppres-são dos Inglezes , de quem promettia libertallos. Ti-nha o Governo da Regencia mandado até Sacavem comprimentar o General Junot pelos Brigadeiros Sto-kler , e Martinho de Souza , na frente de hum Cor-po de Cavallaria , que o acompanhou até caza do Barão de Quintella , que sumptuosamente o tem hos-pedado em lauta meza , que lhe custa quatrocentos mil reis cada dia. Vinha o dito General acompanha-do de varios Officiaes Francezes , e Hespanhoes , e de pouca Tropa Franceza , que respirava quasi o mesmo desalinho , e pobreza , que se notou nos sol-dados da vanguarda : ao apear-se o dito General en-controu logo no pateo, ou lojas do seu Barão de Quin-tella os Membros da Regencia , e algumas outras pessoas distinctas , e tambem desconhecidas , como José de Seabra da Silva , e seu irmão Lucas de Seabra , o Brancamp , o Capitão de Arroios , etc. Distinguio-se sobre todos nestes obsequios de rece-pção dos Francezes , e do seu General , o famoso Conde de Novion , Chefe da Guarda da Policia da Cidade.

## §. III.

## §. III.

No meio de tantas novidades, e á vista de tão raros fenomenos politicos, teve tambem o povo de Lisboa muito que admirar hum raro fenomeno fisico na atmosféra; porque no dia primeiro de Dezembro ás quatro horas da tarde se levantou da parte de Sueste hum tufão de vento tão carrancudo e medonho, e acompanhado de hum som tão estrepitoso, que parecia querer engulir a terra, e impellir o Tejo todo sobre a Cidade: manifestou-se a sua direcção desde a cova da Piedade para o Caes do Sodré, e Ribeira nova; mas felizmente não deixou outros estragos mais, do que afundar huma lancha de huma Embarcação de guerra, chea de gente, de que só se salvárão tres pessoas; meter muita agoa pelo boqueirão do Corpo Santo, levando alguns botes até ao largo do mesmo nome; levar pelos ares as telhas de alguns telhados; abalroar Navios huns com os outros com a destruição de algumas de suas obras; quebrar muitas vidraças com huma saraiva de grossura extraordinaria; e tudo isto no curto espaço de cinco minutos. A observação de tão horrendo fenomeno, que em ponto mais pequeno se tinha já visto no dia antecedente á tarde, fez pensar a muita parte do povo de Lisboa, que o dia 29 de Novembro tinha sido hum dia de milagre, por ser hum dia claro, e bonançoso, tal como

mo se desejava para a feliz sahida do PRINCIPE REGENTE, que o mesmo Ceo favorecia; o que podia ser muito bem hum acaso, mas que pareceo hum rasgo da Providencia aos olhos de hum povo não credulo, mas religioso, e amante de seus Soberanos, e da sua patria ameaçada.

## §. IV.

A primeira coisa em que cuidou Junot, logo que chegou, foi em apoderar-se das Fortalezas de mar e terra, e dos Arsenaes da Marinha, e do Exercito. A Torre do Bugio, a de S. Julião da Barra, a de Belém, a Torre Velha, e outras se virão logo guarnecidas de Francezes, de Hanoverianos, de Suissos, e Italianos, que de todas estas Nações se compunha o Exercito que entrou em Lisboa por diversos Corpos no espaço de oito dias, não fazendo ao todo mais de quinze mil homens; porque o resto das Tropas Francezas, se dividio pelas Villas de Mafra, Peniche, Caldas, e Villa Franca; ficando as Tropas Auxiliares Hespanholas metade em Setubal, de que era Chefe o Marquez del Socorro, e metade na Cidade do Porto commandadas pelo General Taranco, que morreo de repente de huma colica poucos dias depois da sua chegada. De maneira que todo o Exercito Francez se póde avaliar em pouco mais de vinte mil homens, não passando o Hespanhol de seis

mil

mil. Os principaes Generaes sáo, de Laborde, Governador de Lisboa, aquartelado em caza do Duque de Cadaval, para onde mudou todos os moveis que roubára nas cazas do Ministro Antonio de Araujo, que carregárão dezoito carros de mato; Thiebaut, Chefe do Estado Maior, aquartelado em caza de Raton na Rua Formoza; Travaux, General de Divisão; La Roche, General de Divisão; Loysou', General de Divisão, aquartelado em caza de Bandeira; Kellerman, General de Cavallaria, aquartelado em caza de Francisco Antonio Ferreira ao Chiado; Taunier, General de Brigada na Praça de Peniche, e Commandante de todos os Destacamentos postados na costa do mar desde aquella Praça até á Villa da Pederneira; Brenier, General de Brigada, aquarteado em caza de Gaspar Pessoa; Turiel, General da Artilharia, aquartelado nas cazas do Cavalheiro Napion junto á Fundição; e outros que talvez não sejão menos de vinte, e dos quaes se diz, que alguns forão Frades, e Clerigos no tempo do Rei; e até se diz, que entre os Officiaes vem tres Frades Portuguezes, sendo hum o Dominico, que fugio . . , &c.

Os Regimentos Francezes se achão aquartelados nos Conventos de S. Francisco da Cidade, de São Domingos, dos Paulistas, de Jesus, dos Camillos, dos Gracianos, e de S. Vicente, e em todos aquelles em que achárão alguma capacidade, não escapando até as Igrejas, ou Capellas, cujos Santos, e Altares se virão

rão por alguns dias servir de cabide ás armas, e muchilas dos soldados. Para o alojamento destas Tropas se observárão Ministros de Lisboa commetter extorsões, e violencias para apromptar milhares de camas, que sobejavão, ou erão vendidas pelos mesmos soldados: igualmente a maior parte dos Officiaes não cessavão de praticar oppressões, e desatender as familias dos patrões, que os hospedavão, exigindo largos banquetes, e serviços dispendiosos; o que deo occasião a muitas queixas, que se fizerão ao General em Chefe, que por hum publico Edital declarou que a simples luz, cama, agoa, e lenha, erão as unicas coisas que se devião dar aos Militares, que cada hum tivesse em sua caza.

A pezar destas vexações, não se desacreditava ainda, ao menos publicamente, a idéa de protecção, e de amizade, que tão altamente se tinha proclamado em nome de Napoleão. Mas esta idéa pouco e pouco se foi desvanecendo, e de todo se apagou á vista dos factos, que succederão na ordem, que se referirá nesta Historia. Hum dos factos, que principiou a desvanecer a idéa de amizade, foi a contribuição de dous milhões de cruzados, que se exigio ao Corpo do Commercio no dia 4 de Dezembro, para cuja arrecadação se nomeou huma Junta de Negociantes, de que erão, Barão de Quintella, Prezidente; Bandeira; Raton; Souza Freire; Pedra; Monteiro; Machado; Pereira de Almeida; Ferreira, Deputados. Esta Junta desempenhou optimamente a incumbencia

do

do General Francez, persuadindo com todo o zelo, e por todas as maneiras já meigas, já severas a todos os Negociantes, para que contribuissem com o mais que podessem, e dentro de quinze dias tinhão arrecadado a somma desejada, de que só huma terça foi em papel. Tres forão os contribuintes, que prestárão a maior somma de trinta e dous contos de reis, da qual se foi descendo até á quantia de trezentos mil reis, não faltando justos motivos de queixa contra a distribuição mal proporcionada ás posses de cada hum. Geralmente se julgou, que este dinheiro era para pagar os soldos mui atrazados que se devião ao Exercito; porque se espalhou a voz publica, de que o Imperador, na despedida de suas Tropas, lhes promettera pagar-lhes em bom dinheiro Portuguez; e este pensamento se confirmava com a observação, que todos fazião, de que apparecendo varias carroças de campanha com munições de guerra, e nenhumas de boca, entre ellas não appareceo a Caixa Militar; porque as quatro, ou cinco, que tinhão por fóra as letras TRESOR de l'ARME'E, não tinhão por dentro hum só real. Mas fosse o que fosse da sua applicação, o certo he, que com este dinheiro se não tem pago a carne, vinho, e pão, que todos os dias se dá aos soldados, e com que se vão restabelecendo das mizerias da fome, limpos da carepa, rubicundos, e passeando airosos pelas ruas de Lisboa, cantando em tonadilha as proezas do seu Invicto Monarca.

Concorrerão mais para desvanecer a idéa de amizade os seguintes factos. Logo no segundo, ou terceiro dia depois que chegou Junot, fez introduzir na Regencia a hum Francisco Antonio Herman, que por muitos annos havia sido Consul dos Negociantes Francezes em Lisboa, como Ministro, ou Prezidente daquelle Tribunal do Governo; e de tal modo se soube haver, que brevemente os Membros da Regencia, que deixou o Principe Regente, conhecerão não ter mais que huma voz deliberativa, e que dependião absolutamente das decisões de Herman, que paulatinamente os foi intimidando com o nome, e poder de seu Amo Napoleão, de quem immediatamente havia recebido a authoridade por Decreto de 17 de Novembro no Palacio de Fontaineblau: Isto se fez summamente notavel pela perfidia, de que convencia a primeira Proclamação de Junot, em que se promettia amizade sincera, e protecção aos Portuguezes; o que mais se confirmava pela nomeação de Felis Bertholot para Recebedor Geral das contribuições, e rendas de Portugal feita a 16 do mesmo mesmo mez de Novembro, e no mesmo Palacio de Fontaineblau. O mesmo Herman tomou posse do lugar de Prezidente do Erario a 4 de Dezembro por virtude do referido Decreto de Napoleão, a cujo acto assistio Luiz de Vasconcellos e Souza, que ficou demittido do mesmo lugar. No mesmo dia tomou posse dos seus lugares de Governador do porto de Lisboa, e de

Ins-

Inspector da Ribeira o Capitão de Mar e Guerra Magendis, igualmente nomeado por Napoleão, ficando seu Ajudante immediato o expatriado D'Alemand, que estava ao serviço de Portugal. Tambem se disse, que do mesmo Napoleão trazião varios Generaes Francezes Decretos para serem, hum Governador do Rio de Janeiro, outro da Bahia, e outros das diversas Cidades do Brazil. No mesmo dia 4, por varios Editaes, ou Decretos de Junot se publicou o Embargo geral, ou Sequestro de todos os bens pertencentes á Caza Real, e dos Patrimoniaes dos Fidalgos, e mesmo dos Negociantes, que acompanhárão o PRINCIPE REGENTE: em consequencia do que se mandou proceder a diversos Inventarios pelos Ministros Portuguezes; nomeárão-se Depositarios destes bens, e Ministros Administradores; mas nada disto se fez com tanto escrupulo, que senão roubassem muitos móveis ricos de oiro, e prata, muitos paineis, e outras alfaias, tanto das Cazas de Mafra, de Quéluz, da Ajuda, das Necessidades, &c., como das cazas dos Fidalgos; assignalando-se nesta depredação alguns Generaes, e até o proprio cunhado de Junot, e o sobrinho da Imperatriz Josefina, dirigidos pelo filho do Conde de Novion, tres moços Francezes ainda imberbes, mas já veteranos em dissolução e libertinagem. Deve aqui advertir-se, que por hum excesso de commiseração e piedade se concedeo huma modica quantia para decente sustentação aos filhos, e herdei-

deiros legitimos das pessoas de quem se sequestravão os bens ; e que estas quantias se tem accrescentado por grande mercê a certas familias com escandalosa distincção , e injuria de outras. No seguinte dia 5 de Dezembro não forão só sequestradas , mas immediatamente confiscadas todas as fazendas e mercadorias de origem Ingleza sem excepção alguma , posto que a propriedade fosse Portugueza ; e em consequencia se fez logo apprehensão em tudo o que se achou nas mãos de slguns Inglezes , que são tratados como prisioneiros de guerra , e no mais que se verificou pertencer-lhes, ainda que fosse achado em cazas Portuguezas ; porém aquellas mercadorias , que erão já de propriedade Portugueza , não forão realmente apprehendidas na sua totalidade , mas dellas se mandou dar só a terça parte na contribuição militar , de que abaixo fallaremos , além dos muitos covados de toda a qualidade de pannos , que já se tem tirado das logeas da rua Augusta para vestir o Exercito nú : extorções semelhantes se tem feito por varias vezes nas logeas de Fanqueiros , Capelistas , e de todos aquelles que vendem alguma coisa , que possa servir aos Francezes. Fóra da Capital nas Villas e Aldêas , em que tem entrado os novos hospedes , diariamente se commettem vexações , e latrocinios ainda mais sensiveis ; porque se arrebata , com grande zello de alguns Ministros Portuguezes , o milho , e o trigo dos Celleiros publicos , e parti-

ticulares , os azeites , e vinhos , onde quer que se achão ; tomão-se os gados aos lavradores na acção mesmo em que andão lavrando a terra ; vão-se buscar a caza de seus donos , porcos , carneiros , galinhas , patos , e tudo o que se póde comer , e até os proprios favaes , e ervilhaes , ainda em herva tenra , são cortados para fazer huma nova salada , ou esperregado á Franceza.

## §. VII.

Contra ninguem se manifesta tanto o furor da rapina , como contra tudo aquillo , que póde ter o nome , ou titulo da Caza Real Portugueza. He quasi impossivel que o coração mais duro , ou mais frio não faça correr lagrimas pelos olhos , que a cada passo observão nas ruas de Lisboa as carruagens , os criados , as librés , e todas as coisas pertencentes aos nossos amaveis Soberanos convertidas no serviço , e no prazer de quatro forasteiros , que sabendo-se de seus obscuros principios , aspira cada hum por seu modo á grandeza e pompa Real , e afecta todas as maneiras da Magestade com que pertendem opprimir os desvalidos Portuguezes. Para manter tão escandaloso luxo , se consome , e desapparece todo quanto dinheiro possa haver nos Cofres publicos das rendas do Estado : só do General em Chefe se diz que tem de renda

da duzentos e cincoenta mil cruzados , entrando nesta somma a modica gratificação de doze mil cruzados por mez , que espontaneamente lhe offereceo, e fielmente lhe paga o Senado da Camara de Lisboa , como a hum Heroe tão benemerito da Patria. He por isto que se não pagão as devidas tenças a milhares de viuvas de Militares , e outras muitas familias desoladas , e famintas ; he por isto que se mandárão suspender os pagamentos a todos os Professores Regios das Artes , e Sciencias ; he por isto que se não pagão os ordenados de muitos Officios , e se tem extincto e abolido muitos outros, como foi no Erario , donde expulsárão perto de cincoenta de seus Officiaes , concedendo apenas hum pequeno donativo a outros tantos aposentados. A Junta do Almirantado foi de todo abolida com amortisação de todos seus empregos , fechando-se as portas , e lançando-se na rua com ignominia os seus individuos : O Conselho do Ultramar tem cessado todas as suas funções com detrimento e ruina de seus empregados ; o mesmo succede a toda essa multidão de pessoas , que se occupava , e vivia do trafico das Alfandegas , e de todos os ramos , não só do Commercio externo , mas tambem do interior do Reino , que cada dia se vai estagnando , e amortecendo. Para escapar á calamidade , que indica ser mais horrorosa para o futuro , muitos milhares de pessoas se tem refugiado para as Provincias , e para fóra do Reino , sendo muito para notar ,

tar, que até os proprios Francezes domiciliados em Lisboa, se tem retirado desta Cidade, aonde mais de metade de seus habitantes pede esmola, ou a quem lha não póde dar, ou a quem tem dinheiro, mas quer fazer figura de pobre para escapar á rapacidade do Governo. He bem para tocar o coração ver familias, que atégora vivião no esplendor, agradecerem com lagrimas hum cruzado novo, que se lhe dá para pão: nem he menos tocante ver em algumas cazas de grandes Fidalgos, e Personagens da Nação huma pobre meza de sôpa, vaca, e arroz, que não chega para os criados, que se despedem para ir viver na mendicidade. Lisboa já não he a rica, e pomposa Rainha do Téjo, he quasi huma Aldêa, erma, e solitaria, sem carruagens, sem theatros, sem alegria, e sem pão, senão para os Francezes, ou para os afrancezados, porque só estes folgão, quando os mais se lamentão; póde dizer-se, que Lisboa não he mais que hum cadaver descarnado pelos Milhafres, e carniceiros Abutres.

## §. VIII.

Para fazer menos odioso este procedimento não tem deixado Junot de afectar apparencias de Religioso e Catholico; mas o seu catholicismo, consistia apenas em mandar sentar o Cardeal Patriar-

triarca de Lisboa, quando o visitou logo depois da sua chegada, unica pessoa, que muito se reparou, que recebesse deste modo: pagou-lhe a visita, o que repetio por mais vezes; e ao depois se soube que era com o fim de o persuadir, ou forçar a seguir o seu partido mandando a todo o Clero secular, e regular, prégar obediencia cega ao Dominio Francez. E com effeito parece que Junot possue como seu Amo a Arte de persuadir, ou de illudir os que governão: na festa da Conceição a 8 de Dezembro se ouvirão alguns Prégadores afadigando-se no pulpito por afeiçoar os animos ao Governo e ás coisas de França; alguns romperão no excesso de querer mostrar, que este Reino devia ser Francez, por ter sido Francez o nosso primeiro Conde D. Henrique. Mas nunca os Portuguezes forão tão indoceis á palavra do Ministro Sagrado; murmurou-se muito do Prégador; e até se murmurou do Prelado, quando poucos dias depois se leo a sua Pastoral, em que tanto se exageravão os merecimentos, e as virtudes de Junot, e de seu Amo. Continuou-se a murmurar quando na Collecta da Missa se vio o nome de Napoleão, substituido aos amaveis nomes dos nossos Principes. Mas estas murmurações contra o Prelado não tinhão todo o fundamento que lhe queria dar a indignação do povo; porque penetrado talvez de arrependimento, e de pena o Santo Prelado abreviou os dias da sua morte, que acconteceo nos primei-

ros dias de Fevereiro de 1808. Outra prova do seu catholicismo pertendeo dar Junot, quando em hum Domingo, que fazia Parada no Rocio na frente de cinco, ou seis mil homens, atravessando a mesma Praça o SANTISSIMO VIATICO, que sahia de Santa Justa, mandou fazer alto á Tropa com huma pequena continencia das armas, rufo de tambores com chapéos na cabeça. Mas a pezar de tantos desejos, nunca os Francezes passarão por catholicos em Portugal, em quanto não ouvirem Missa, e se confessarem, e jejuarem; porque atégora nada disto tem feito, ou talvez que estes sejão daquelles abusos, e superstições, que atégora deshonravão a nossa Religião, e de que elles prometem purificalla em suas Proclamações.

## §. IX.

Não se descuidava o General em Chefe de ir cada dia desenvolvendo mais o systema de dominação, e procurando todos os meios de firmar a sua authoridade.

Os lugares mais importantes erão conferidos a Francezes. De França vierão sujeitos para occupar todos os ramos de administração, como foi Mr. Loyé, nomeado Inspector Geral de todos os bens da Coroa, e Infantado, e de outros quaesquer Principes da Caza de Bragança: Mr. Guichard, nomeado

do Inspector Geral das Alfandegas. Mr. Millié, nomeado Inspector Geral das novas contribuições de Portugal: Mr. Vaublanc, Secretario Geral do Governo, e outros muitos, que já apontámos, e de que teremos occasião de fallar nesta Historia.

Se alguns Ministros Portuguezes erão empregados, sem que por isso se haja de presumir que favoreção o novo Governo, he por não acharem Estrangeiros, que como elles soubessem a lingoa, e os costumes do Paiz; taes se podem reputar os Dezembargadores nomeados para administrar as cazas confiscadas, como são, José Diogo Mascarenhas Neto, Administrador das Cazas da Senhora Infanta D. Marianna, de D. Rodrigo de Souza Coutinho, e de Antonio de Mello e Castro: José Germano de Miranda, Administrador da Caza do Marquez de Bellas: Jacinto Antonio Nobre, Administrador da Caza do Marquez de Angeja: o Dezembargador Vellozo, Administrador da Caza do Conde de Rodondo: Antonio José Guião, Administrador da Caza de D. Diogo de Souza: José Antonio da Veiga, Administrador da Caza de José Pinheiro Salgado: e outros, que se nomeárão não só para as Cazas dos Fidalgos, que acompanhárão o Principe Regente; mas de todos os particulares, que sahirão no mesmo dia, e que por infelicidade sua deixárão no Reino algumas riquezas, que se possão apprehender.

## §. X.

Huma das mais importantes medidas, que Junot tomou para sua segurança, logo nos primeiros dias, foi o Decreto assignado por elle, que prohibia a toda a pessoa de qualquer qualidade que fosse, sem excepção alguma, o exercicio da caça com armas de fogo, e até o simples uso das mesmas armas fóra de caza, nas ruas, ou nas estradas: ao mesmo passo que não era mui difficil alcançar licença para caçar, que dava o General de Laborde a quem mais dinheiro lhe apresentava, com tanto que não fosse homem rustico, ou robusto, capaz de matar Francezes. Entre tanto que se prohibião as armas aos Cidadãos, se vião reforçar progressivamente as rondas e patrulhas de Francezes por todos os Bairros da Cidade: o Castello estava já occupado por dous mil homens, e nos dias oito e nove se mandárão fazer as guardas principaes do Terreiro do Paço e do Erario igualmente por Tropa Franceza. As sentinellas da mesma Nação principiárão a mostrar cedo hum ar de altivez, e ferocidade que offendia os sujeitos mais pacatos, observando-se em algumas partes, que descarregavão a coronha da arma sobre alguns individuos do povo, ou lhes arrumavão as baionetas ao peito por não retrocederem do caminho, que as mesmas sentinellas

guar-

guardavão , ou por não obedecerem a qualquer outra ordem , que lhes intimavão na lingoa , que o povo não entendia. Não deixava tambem de fazer sua surpreza ver os soldados escolherem , e apreçarem frutas , e outros generos na Praça da Figueira , na Ribeira nova , e Ribeira velha , e feito o seu provimento , despedirem-se repentinamente á Franceza , sem deixarem hum só real á conta do pagamento , nem responderem palavra ; ou se darem por injuriados da torrente de improperios e maldições , que nas costas lhes lançavão as regateiras , e revendilhonas.

Talvez que envergonhados os soldados de não terem dinheiro , inventassem huma nova Lei de Policia , que lhes foi muito rendosa , e que causou muito espanto , quando inopinadamente se vio por elles praticada ; e foi , que em certos lugares , como no Terreiro do Paço , toda a pessoa , que passava sem tirar o chapéo á sentinella , esta lho arrebatava por força , e lho rasgava , huma vez que promptamente o não resgatasse por meio tostão. Não nos fazemos cargo , por ser impossivel , de referir pelo miudo todos quantos factos acontecerão por estes dias , que dão bem a entender o espirito e as secretas intenções com que os Francezes entrarão em Lisboa , bem differentes daquella paz , e amizade , com que ao principio se tinhão perfidamente anunciado : porém o que concorreu mais para indispor os animos e escandalizar o publico , forão alguns actos de au-

tho-

thoridade , e dominação suprema ; como vêr-se tremular o Pavilhão Francez sobre o observatorio da Ribeira das Náos ; e ainda mais o saber-se , que os Chefes Francezes tinhão em menoscabo todas as authoridades constituidas pelo PRINCIPE REGENTE ; desdenhando , que nos Tribunaes , e no mesmo Concelho da Regencia se fallasse , e se requeresse em nome de SUA ALTEZA REAL , dando a entender por palavras soltas , que bem sedo toda a Diplomacia do Reino se faria debaixo do nome do Napoleão ; o que com effeito realizarão com geral indignação.

## §. XI.

Os Estrangeiros de outras Nações , que observavão tudo isto não podião calar-se , por não aprovar tão atraiçoada conducta.

Os Russos da Esquadra surta no Tejo , já mais se virão acompanhar com Francezes , ao mesmo passo , que davão repetidas provas da consideração e estima , em que tinhão a Nação Portugueza. Se por acaso nas ruas ou nos caffés se encontravão soldados dos dois Imperadores , que pouco antes se tinhão abraçado em Tilsit com aparencias de tanta amizade , era cousa bem curiosa vellos nas margens do Tejo virarem-se as costas huns para os outros ; não entrarem em conversação senão para defender a gloria Militar da sua Nação com desprezo das acções e

pro-

proezas da outra ; louvarem huns os Inglezes , que os outros desacreditavão ; e terminarem algumas vezes o seu encontro por injurias e desafios. O Almimirante Synavin era aquelle em que mais aversão se notava pelas cousas de França : dando hum esplendido banquete e baile a bordo da sua Capitana , e convidando para elle varios Sujeitos , e Senhoras Estrangeiras e Portuguezas , não quiz convidar hum só individuo Francez ; e tanto conservou este caracter independente , que nunca quiz visitar o General Junot em quanto este o não prevenio , indo visitallo a bordo ; e succedendo , que fosse no dia dos annos de seu Amo o Imperador da Russia , em que devia fazer as costumadas Salvas de Artilheria , de proposito o não fez , sendo bem digno de memoria , segundo se disse , para que senão suppozesse , que era em obzequio dos Francezes : o que parece muito provavel , por se fazerem com effeito as referidas salvas no dia seguinte.

Quando por estes tempos se presumia e se anunciava em Lisboa que a Russia declarava a Guerra á Gram Bretanha , não duvidavão alguns Officiaes da Esquadra Russa declarar os seus sentimentos , dizendo , que não poderião evitar os primeiros tiros por salvar a honra , no caso de se encontrarem com Inglezes , mas que de coração não podião ser seus inimigos : até dizião que o sincero Alexandre seu Amo , mal aconselhado , não estava seguro no meio dos Grandes da sua Corte , tão descontentes de seme-

lhan-

lhante Guerra, e por tomar hum partido, que tão funesto fôra já para Paulo I. Taes erão os sentimentos destes valerosos soldados de Alexandre, quando ao depois se soube com espanto que a Guerra estava com effeito declarada contra Inglaterra, e que a Esquadra do Tejo por ordem daquelle Monarcha era mandada estar á disposição dos Francezes em Portugal. Cada hum póde vaticinar as grandes vantagens, que poderão resultar á França destes novos alliados.

## §. XII.

Os Espanhóes, que entrarão em Portugal em auxilio dos Francezes, posto que publicamente falassem em abono da sua causa, não erão comtudo muito contrarios aos Russos nos sentimentos que particularmente deixavão transpirar entre muitas pessoas. As Proclamações impressas dos seus Generaes, e a conducta das Tropas por todas as Provincias em que passarão, são os mais honrozos documentos, que se podem allegar em seu abono: tiverão sempre a politica, e a delicadeza de não arvorarem o Pavilhão Espanhol senão ao lado e á esquerda do Portuguez: notava-se nelles assim como nos Russos maior facilidade e tendencia a conviverem e arrancharem com Portuguezes do que com Francezes. Em Setubal, aonde rezîdio o maior corpo de suas Tropas não houve huma só desavença, á excepção de huma pequena ri-

xa,

xa , que se contou ter acontecido em hum jogo de taberna : o que mais agradava ao povo era ver-lhes puxar por dinheiro e pagarem tudo o de que percisavão : não parecião aquelles Espanhoes , que como inimigos tinhão entrado em Portugal nas passadas Campanhas , e até parecia ter-se quasi extincto a velha antipathia , e o odio nacional contra Castella.

Por occasião desta novidade lembrou a algumas pessoas dizer por huma graciosa ironia , que com razão os lizonjeiros de Bonaparte o denominavão Omnipotente , por ter feito o grande milagre de reconciliar e fazer amigas duas Nações , que tinhão jurado perpetua inimizade. Para mais justificar o predicado de Omnipotente , que condecora o novo Idolo, sejanos licito apontar mais outro milagre que se observou feito pelas suas Tropas em Portugal ; e he aquelle , de que já todos os criados dos Fidalgos não murmurão das rações , que se lhes dão em caza de seus Amos , antes dão graças a Deos de terem que comer na terra da fome , e da mizeria. Outras provas derão os Hespanhoes da equidade dos seus sentimentos: porque varias vezes se vio sahir o Marquez del Soccorro de caza de Junot declamando , sem poder conter-se , contra o novo direito dos Francezes, que ja principiavão a blazonar da conquista de Portugal ; conquista prodigioza e nunca vista, que não custa huma gota de sangue, e que habilita o pérfido e o aleivozo para lançar grilhões, todas as vezes que possa ao pescoço de seos maiores Amigos. Bem depressa teve o

Ge-

General Espanhol occazião de experimentar por si mesmo quanto era justa a sua indignação ; por que tendo-se determinado pelos mesmos Francezes , que as Rendas publicas do Alentejo e Algarve fossem arrecadadas pelos Espanhoes desde o primeiro de Dezembro , e tendo-se-lhes promettido a Provincia do Minho , e as ditas do Alentejo e Algarve , que logo a principio forão por elles occupadas ; nos fins de Fevereiro seguinte forão logo forçados a evacuar todo este territorio novamente invadido por Francezes comandados pelo General Kellerman em Setubal , e pelo General Loyson na Cidade do Porto. Daqui ficou conhecendo todo o mundo , que as promessas de França aos seus fieis alliados Espanhoes não forão mais do que hum artificio, e engôdo para poderem atravessar as Espanhas , e serem auxiliados na expedição de Portugal.

## §. XIII.

Todas estas coisas erão muito bem observadas e comentadas nas conversações particulares e publicas entre os Portuguezes não só litteratos mas que todas as classes de Povo: Pode dizer-se qne não havia huma só pessoa que não percebece a verdadeira intenção dos seos novos protectores: Porém o memoravel dia de Domingo 13 de Dezembro veio tirar finalmente a mascara á hypocrizia , e dar ás conjecturas

to-

toda a evidencia da verdade. Principiou este dia por se ver logo pela manham guarnecida a Praça do Rocio com patrulhas dobradas não só Francezas mas de soldados Portuguezes da Policia: e ao mesmo passo, que se fazião varios discursos sobre o seo destino, se vião entrar os Regimentos Francezes por diversos pontos, todos armados, e ja muito mais bem vestidos do que quando chegarão, marchando em ordem de batalha ao som de bellas e harmoniozas marchas, e postarem-se huns após dos outros em brilhantes filas ao longo do Rocio: veio tambem hum Parque de doze peças de Artilheria a cavallo; e depois de huma hora de espera, apareceu finalmente da parte do Chiado o General Junot, acompanhado de todo o Estado Maior ricamente vestido, e de huma numeroza Guarda de Cavallaria: hum extrondozo rufo de todo este pequeno Exercito, que não passava de seis mil homens, anunciou a vinda do General, o qual montado em hum cavallo, que fora da Princeza N. S. passou imediatammente de galópe pela frente de todas as filas tirando o chapéo de Plumas a todos os Estendartes de Napoleão, que erão humas pequenas Aguias doiradas montadas em altos piques guarnecidos de huma bandeiróla de tres côres esfarrapada. Acabada a rapida revista veio postar-se o General com todo o seo Estado Maior na frente do Exercito, que olhava para o Convento do Carmo; daqui deu as ordens ao General de Laborde Governador de Lisboa, que com voz de sonoro contrabaixo mandou fazer varias evo-

evoluções a poucos corpos os mais disciplinados do Exercito, que, nem por isso admiravão os Officiaes Portuguezes; até que finalmente ao som de numerozos corpos de Musica mandou desfilar por diante de si os Regimentos, que formando huma Praça vazia escutarão da boca de seo Chefe a eloquente harenga que se segue = Soldados Francezes, Bravo Exercito da Gironda, da parte do Grande Napoleão vos agradeço a constancia com que tendes sofrido os trababalhos e fadigas da nossa marcha. O Ceo protege o fim, que nos propozemos de livrar a mais bella Cidade da oppressão dos Inglezes e da dezordem: finalmente temos a gloria de ver arvorada a Bandeira Franceza neste porto. Soldados, Officiaes, e Generaes, Eu sou contente de vós: eo Grande Napoleão saberá recompensar o vosso trabalho e a boa conducta. He necessario que digamos por tres vezes = Viva o Primeiro Imperador dos Francezes = Immediatamente se seguio huma algazarra de todo o Exercito dizendo por tres vezes = Viva o Primeiro Imperador dos Francezes = Acompanhou estas acclamações huma salva Real de vinte e hum tiros no Castello da Cidade, a onde se vio tremular nos ares o Pavilhão tricolor do Imperio: corresponderão com a mesma salva as Fortalezas da Barra, e as Embarcações Portuguezas, qe se achavão arvoradas no porto já com guarnição Franceza. E acabada esta ceremonia, desfilando os Regimentos para os seus quarteis por diante do General Junot, este se retirou com o mesmo acompa-

nha-

nhamento para o seu Palacio, que he como dissemos, a caza do Quintella. O Povo immenso que observava tudo isto com hum melancolico silencio, indignado de não ter visto huma só pessoa, que merecesse as suas Aclamações, e os seus vivas, lançando acazo os olhos sobre o Marquez de Alorna, que passava pelo Rocio a cavallo de sobrecasaca, e chapéo redondo, desatinadamente lançando os chapéos aos ares entrou a gritar por muitas vezes: = Viva o Marquez de Alorna: viva Portugal = e agradecendo-lhe este com repetidas cortezias velozmente se foi retirando para o pateo do Duque de Cadaval.

Esta scena extraordinaria deu lugar aos grandes successos do mesmo dia, que referiremos nos seguintes § §.

## §. XIV.

Movidos os animos com o novo espectaculo não era difficil exaltarem-se muito mais por qualquer leve motivo: e por isso acontecendo passarem na quella tarde pelo Terreiro do Paço varias Tropas de Cavallos Francezes muito magros, gadelhudos, e estropeados, que não podião deixar de desafiar a desenvoltura dos rapazes, hum dos Soldados em camizola que os conduzia foi cahir sobre hum daquelles rapazes a quem deslocou huma perna, esmagando-o debaixo do cavallo, em que hia montado. Acodio a Mãy do ra-

paz

paz com altos alaridos e pragas contra os Francezes ; acodio muita gente segundo a curiosidade do costume, e acodio tambem a sentinella da Estatua Equestre, que se achava muito perto, e com mais alguns Soldados da Policia, que querendo prender o Francez que maltratava o rapaz, aquelle socorrido por outros Francezes, que já então apparecião, resistindo todos, se forão refugiar no Corpo da Guarda da Arcada com altas voses de = Alárme, Alárme ; Guerre, Guerre. = Não foi necessario mais para se entender, que este era hum verdadeiro grito de Guerra.

Immediatamente se vio todo o Terreiro do Paço e a maior parte da Cidade baixa convertida em hum Theatro de confusão e de horror : quaes fugião para sua casa fechando e trancando as portas ; quaes se davão encontros no meio das ruas ; quaes perguntavão todos assustados a razão da quelle tumulto ; quaes sahião das suas casas a procurar o sitio da desordem ; quaes fugião dos Francezes, e quaes corrião a encontrarse com elles. Em breves momentos se vio a Guarda Franceza do Terreiro do Paço, que contava de cem homens, rodeada de huma grande multidão de povo que vendo hom Soldado Nocturno prezo na guarda, gritava em altas vozes, que lho soltassem, e acompanhava as suas vozes com injurias, ameaças, e pedradas, que ferirão alguns Soldados ; e até o mesmo Conde de Novion, que já ali se achava, ficou gravemente ferido em hum braço. Não se pôde resistir por muito tempo ao povo : não só

só se soltou o Nocturno, mas tambem, abandonando o corpo da Guarda se forão encerrar todos no Arcenal da Ribeira das Náos fechando-se por dentro. Entre tanto hia anoitecendo, e o tumulto cada vez mais se espalhava pelos ultimos bairros da Cidade: Os Regimentos Portuguezes pegarão quasi todos voluntariamente em armas, e custou muito aos seus Chefes contelos armados dentro dos Quarteis: porém alguns Regimentos Francezes chegarão a sahir ás ruas, e dando tiros ao acaso aumentavão ainda mais o furor dos amotinados: passando huma Patrulha Franceza pela Igreja do Sacramento, que virão aberta e dentro algumas pessoas e clerigos, que encomendavão o corpo de hum defunto, pensando como elles tem dito muitas vezes, que os Eclesiasticos erão os primeiros cabeças de motim, desparárão as espingardas para dentro da Igreja, e correndo sobre os clerigos, que se tinhão refugiado para a sacristia, mesmo de sobrepelizes os levarão prezos para o cemiterio do Convento de S. Francisco, aonde estiverão toda a noite ao relento até que forão soltos no dia seguinte. Por hum grande espaço da noite se ouvião tiros pelas ruas, principalmente na dos Ourives do Oiro, no Rocio, Chiado, até ao largo do Quintella e Cáes de Sodré.

O Regimento da Policia dividio-se todo em rondas pela Cidade, e principalmente a elle se deve o não chegar o tumulto ao ultimo ponto de desesperação. Alguns particulares concorrerão tambem para socegar os animos inquietos, e com especialidade o

Mar-

Marquez de Alorna , que ás dez horas da noite no fim da calçada do Carmo se atravessou diante de huma columna Franceza , que vinha para atacar os magotes revoltozos , que andavão pelo Rocio ; e fallando-lhe com resolução , a fez retirar , afiançando a tranquillidade do povo , e a segurança da Cidade.

## §. XV.

No meio do tumulto geral que hia tomando huma face séria e temivel , bem descuidado se achava o General Junot entre as alegrias da Meza , e dos copos na companhia de muitos Francezes , e Portuguezes , que tinha convidado para hum grande jantar , que á Franceza costuma ser de noite. Nesta conjunctura lhe vierão dar parte da revolta , ou da rebellião , como elle ao depois lhe chamava : não pôde encobrir a sua surpreza , e o seu susto : mas esforçando-se hum pouco depois , e levando o caso em hum ar gracioso , disse , rindo , para certos Fidalgos Portuguezes = Bem pouco devo eu temer esta revolta , porque não podendo algum de vós deixar de ser o Chefe della , com as espadas que aqui vos arrumasse aos peitos , seguro ficava eu de meus inimigos = Nem deve ficar em silencio a resposta , que hum dos Fidalgos lhe tornou no mesmo ar de zombaria = Sem duvida teriamos huma bella occasião de esgrimir ; e vós vereis que nada me tenho esquecido do ma-

manejo do florete , com que noutro tempo ambos nos divertiamos = Não estava Junot tanto de sangue frio como queria inculcar ; porque acabado o Banquete mais depressa do que se esperava , fez vir logo para a sua porta dois canhões de Artilharia , que mandou apontar hum para o largo do Quintella , e outro para o Cáes de Sodré : Mandou igualmente reforçar do duplo ou triplo a sua Guarda ; e até se disse , que dando-se ainda por mal seguro fôra dormir essa noite e algumas seguintes na Fortaleza do Castello. Entre tanto para dar algum testemunho publico da sua intrepidez e coragem , passou ás nove horas da noite ao Theatro de S. Carlos ; e ao rompimento de huma estrondosa synfonia dos Instrumentos Militares Francezes , que o estavão esperando , e illuminada magnificamente a platéa , appareceo Junot na Tribuna do Principe rodeado de Generaes , Ajudantes de Ordens , e grande numero de Officialidade : acabada a synfonia , tocada a Marcha que chamão de Luiz XVI. , e outras mais , fizerão tremular da mesma Real Tribuna huma Bandeira Franceza , que foi recebida com repetidas palmadas , e altas gritarias de = vivão os Francezes = Deve notar-se que neste clamor se distinguio a voz de hum Sargento Mór de Cavallaria do Regimento dos Nocturnos ; porque todos os mais Portuguezes , que alli se achavão vierão sahindo para fóra mudos , e envergonhados : deve igualmente notar-se que nessa noite o mesmo Sargento Mór , e o Desembargador Azevedo , que era Procurador

da Real Fazenda illuminarão as frontarias de suas Cazas. Talvez que estes sujeitos, e outros semelhantes não gostem muito que se falle, e se escreva o seu procedimento: mas devem reflectir, que, senão querião que se publicassem suas acções, devião elles mesmos occultallas, e não accender luzes para que todo o mundo as visse.

## §. XVI.

Na madrugada do dia quatorze apareceu huma nova guarda Franceza no Terreiro do Paço muito mais numeroza, e reforçada com duas Peças de Artilharia, apontada huma para a Praça do Peloirinho, e outra para a Estatua Equestre; toda a Cidade baixa rondada de patrulhas de Tropa combinada Franceza e Portugueza, de Infantaria e Cavallaria; de fronte do Cáes de Sodré huma Barca Canhoneira, que enfiava a sua Artilharia pela rua do Alecrim, e rua larga de S. Roque. A pezar destas providencias de respeito e de terror bem longe de se intimidarem os animos do povo, mais se escandecião, e se dispunhão a arrostar denodadamente os perigos e a morte; dava-se já o nome de patriotismo ao que outros chamarião temeridade e revolta. Então he que se atacarão directamente não só os Soldados desarmados, mas as mesmas sentinelas Francezas; e então já os tiros do Inimigo não erão aos áres, e ao acazo,

mas

mas sobre objectos determinados : toda a Lisboa até ao bairro de Belém tinha a figura de hum Campo de Batalha. No meio da Praça do Rocio se vio hum chuveiro de pedras cahir sobre hum Soldado de Cavallaria Franceza, que ficou sepultado de baixo dellas : na rua da Prata outro Soldado de Infataria querendo afrontar o impeto da populaça foi victima do seu furor, succumbindo aos golpes de facas e de espadas : mas não sucedeo assim a outro Francez mais timido ou mais prudente, que perseguido por hum turbilhão de homens e a té de mulheres, achando-se já ferido e fatigado voltou para o primeiro, e tirando o chapeo e a espada suplicou, que antes o matassem com aquella arma, do que por outro modo, e que se elle merecia a morte ao menos lha dessem com huma apparencia de honra Militar : então hum robusto Moço de capote tirando-lhe a espada e fazendo-o clamar = Viva Portugal = o deixou retirar com vida. Outras mortes acontecerão em diversos bairros, que não referimos por não ter verificado exactamente as suas circunstancias : porém não devemos omittir a infeliz morte de tres ou quatro pessoas Portuguezas, em que entrou huma mulher, por que tambem estas, e os rapazes respiravão o mesmo espirito de Patriotismo, ou de Vingança ; sendo muito digno de reparo, que as crianças de nove ou dez annos por entre as ballas perdidas, que cruzavão nas ruas, tinhão o desenfado de juntar montes de pedras, para com ellas dirigirem seus tiros contra qualquer Fran-

cez que apparecesse. Nas infimas pessoas da Plebe he que se inflamava mais o dezejo da vingança, de maneira que hum pobre Official ou aprendiz de Sarralheiro teve o arrojo de aprezentar-se na bôca das Peças que defendião a porta de Junot, com hum sáco de pregos a tiracólo, e hum martelo, dizendo aos Soldados, que descarregassem, se se atrevião, sobre os seus Compatriotas, que elle ali tinha com que encravar aquellas Peças e toda a Artilharia dos Francezes. Outros individuos se arremeçavão ás portas de certos particulares que aquartelavão Officiaes Francezes: atacavão-se algumas carrugens na rua; e até o Marquez del Socôrro, que por engano foi julgado General Francez, esteve a ponto de ser assassinado, se não clamasse, depois de lhe terem já quebrado os vidros da carruagem, que elle não era Francez, mas que era Hespanhol, e amigo dos Portuguezes.

## §. XVII.

As pessoas das Classes superiores do Estado não erão insensiveis ao patriotismo da Plebe, que como chama electrica penetrava todos os corações: bem poucos serião os individuos, que se não sentissem estremecer pelo amor da sua Patria, que se não recordassem dos gloriosos feitos dos seus maiores, e que não estimassem infinito a occasião de salvar a Patria opprimida dos perfidos Tyrannos. Este era o assumpto

de

de quasi todas as conversações por largas horas do dia e da noite ; nem era raro ver chamejar nos olhos de moços e velhos, os mais prudentes, o fogo do valor e brio Portuguez. Porém muito serias considerações combatião e abafavão dentro dos peitos os primeiros movimentos do Enthusiasmo. tinhão todos bem presente na memoria a recommendação e a Ordem que o PRINCIPE REGENTE deixara na sua despedida, de se receberem os Francezes com todas as demonstrações de amizade e benevolencia, e de se não pegar em armas contra elles, ainda que viessem armados. Lembrava por outra parte que a Hespanha, posto que descontente dos seus alliados, estava com tudo nas circunstancias de não querer nem poder abandonar a sua causa para defender a Justiça dos Portuguezes, ou ao menos embaraçar a passagem de novas Tropas para Portugal. Tinhão igualmente todos diante dos olhos as Batalhas do Marengo, de Austerlitz, de Frideland, e a fortuna prodigiosa desse homem vencedor, e Tyranno da Europa; e os successos de hum futuro contingente e desastroso resfriavão hum pouco o ardor de empreender huma Guerra aliás facil, e objecto muito pequeno da Gloria Portugueza. Por causa de tão serias considerações nenhum General nem homem de credito publico se animou a por-se á testa da Nação, e declarar-se o chefe de huma nova restauração do Estado para o seu ligitimo Soberano ; antes pelo contrario muitas pessoas trabalharão o mais que po-

po-

derão para soccegar os animos, adoçar as paixões irritadas, e fazer recolher os amotinados a suas cazas, e os artifices á tarefa ordinaria de suas occupações e officios. Pela mesma razão o Conselho da Regencia redobrou a sua vigilancia, e as suas providencias para desarmar e tranquilizar o povo, e suavizar-lhe quanto podesse o jugo Francez que todos abominavão. Mas he necessario confessar, que estas medidas do Governo, por mais justas que fossem, não agradavão á maior parte das Gentes, e mesmo a algumas personagens da Nobreza; e a fidelidade da Historia nos obriga a escrever o rifão que vagava de boca em boca: *A Regencia parece-se com Deos na paciencia.* Taes forão os grandes motivos porque o enthusiasmo deste dia se foi applacando progressivamente, de modo que ao meio dia pareceo de todo extincto hum tumulto, que indicava as mais funestas e sanguinosas consequencias.

## §. XVIII.

Moderado o primeiro paroxysmo das convulsões que ameaçavão o Estado, forão todos os cuidados de Junot applicar os remedios mais proprios para prevenir huma nova crize. Para isto fez afixar no mesmo dia em quasi todas as esquinas de Lisboa, como era o seu costume, hum Edital, em que tratava os habitantes de Lisboa como se fossem seus ligitimos vassalos, erigindo-se em Legislador, e aterrando com as pe-

penas de morte os rebeldes convencidos de usar de armas, ou de se fazerem cabeças de qualquer motim. Nos dias seguintes jámais se esqueceo de lançar mão de quaesquer meios de se assegurar a si, e de intimidar os Portuguezes. Para isto fez passar ordens para que de noite nas ruas, e nas cazas publicas de Caffé, e outras se não consentissem ajuntamentos de qualquer natureza que fossem; que se evitassem tiros, musicas, ou qualquer outro estrondo, que podesse causar algum alvoroço na Cidade; e até mesmo que das Ave Marias por diante se callassem os sinos de todos os Campanarios. Mandou fundear a Náo de Guerra Vasco da Gama defronte do Terreiro do Paço para que a tiros de Canhão annunciasse aos moradores de Lisboa a hora de sahirem pela manhã de suas cazas, e de se recolherem á noite. Tem pertendido por toda a parte espalhar hum tal silencio, e terrorismo, que até prohibio na noite do Natal cantarem-se as Matinas e Missa daquella Festividade, com grande magoa da gente piedosa, que então vio as Igrejas fechadas, e teme se lhe fechem para sempre nas maiores festas do anno. No Domingo seguinte 20 de Dezembro não deixou de apparecer outra vez na Praça do Rocio a ostentar aos olhos de Lisboa a mesma Parada Militar de que já fallámos no dia 13, e que constantemente se repete todos os Domingos, fazendo vir até os Regimentos aquartelados em Belem: Mas neste dia 20 notou-se o virem vestidos de Hussáres o General, e os seus dois Ajudantes de Ordens; notou-se

tam-

tambem que nem hum só Portuguez tem tirado o chapéo à Junot, nem feito quaesquer demonstrações de respeito nos lugares publicos por onde continuamente passa; a pezar das queixas, que elle mesmo já tem formado desta grosseria e incivilidade do povo, e das muitas diligencias e tregeitos que procura, para receber os signaes de seu bom agrado, e as pavonadas do publico.

## §. XIX.

Por este meio tempo tiverão os moradores de Lisboa huma occasião de ajuntar aos desastres presentes, que sentião, hum objecto da mais viva e dolorosa saudade; porque occorrendo o abençoado dia 17 de Dezembro, dia dos annos da sua sempre amavel Rainha, dia de regozijo e de jubilo para todos os Portuguezes, este mesmo foi agora hum dia de luto, e de verdadeira orfandade. Os mesmos Francezes reconhecerão e justificarão publicamente a justa dôr dos Portuguezes, e para evitarem novo tumulto reforçarão as guardas e patrulhas; fizerão estar debaixo das armas o dia inteiro os dois mil homens da Praça do Castello; e ao mesmo passo se achavão já guarnecidos de gente armada quasi todos os dezasete Vasos de Guerra, que o PRINCIPE REGENTE deixou no Tejo: mas não houve hum tiro de alegria, nem hum vestido de gala, nem huma voz de prazer; e eis-aqui

co-

como se celebrarão os annos da Rainha neste infeliz Dezembro. Ao mesmo passo ouvindo-se fóra da barra alguns tiros, algumas pessoas presumirão, e quizerão dizer que erão dezaseis Vellas Inglezas, que aproximando-se a Cascaes e ás Torres derão Salvas Reaes em obsequio deste dia. Mas como nós nos restringimos á fiel narração dos factos devemos advertir, que estes tiros nunca se verificou terem hum tal objecto; mas succedeo simplesmente desta vez, assim como já foi por outras, que algumas Embarcações da Esquadra Ingleza, que forma o Bloqueio de Lisboa aproximando-se á Torre do Bugio lhe lançarão alguns tiros com a morte de poucos Soldados, e pequeno damno de suas fortificações. E para maior clareza e arranjo das materias referiremos aqui alguns factos, por onde se conheça a figura e influencia, que tem tido os Inglezes na presente situação dos seus alliados.

## §. XX.

Logo que sahio o PRINCIPE REGENTE quasi todos os dias se vião as Vellas Inglezas cruzar entre os Cabos da Roca e de Espichel; em consequencia do que começou a ter muita voga a oppinião de que elles tentarião alguma entrada e desembarque de Tropas: Os mesmos Francezes parecião acreditar esta oppinião pela muita Artilharia, e Soldados, com que re-

for-

forçavão as Fortalezas e praias daquella Costa. os Portuguezes erão ainda mais deste partido pelo sumo desejo que tinhão de hum libertador. Chegava-se a dizer e muitos se persuadião logo, que a Esquadra Ingleza se tinha visto em certo dia constar de mais de cem Véllas; que pelos barcos e muletas de pescadores recebião elles informações, e notas do Estado das coisas em Lisboa e no Reino; que huma certa manhã hum Brigue se tinha afoitado a chegar até ao pé das Torres para servir de guia ao resto dos Navios; que a expedição do mar não esperava senão pelo momento em que podesse combinar-se com outra expedição de terra, e que devia ter lugar pelos pórtos da Figueira e do Minho, aonde se affirmava que já tinhão desembarcado algumas Tropas Escocêzas, e até mesmo Marroquinas como aliadas; e outras coisas semelhantes, que fazião juntar todos os dias muita gente anciosa de novidades e da liberdade no alto das Chagas, e no de Santa Catharina, a quem os óculos e muito mais a imaginação multiplicavão os objectos, tornando-lhes talvez em Vazos de Guerra os baixeis de pescaria: até que finalmente o tempo e a experiencia os foi desenganando, que todas as forças da Grã-Bretanha se limitavão ao Bloqueio da Barra, e a fazer ainda maior a carestia dos viveres, que he já tão forte, e que ameaça os ultimos estragos para o futuro. Tambem se espalhavão, e logo se recebião por autenticas varias Proclamações d'ElRei de Inglaterra, do Almirante da Esquadra, e de outros Generaes,

que

que juravão a todo o Mundo não abandonar já mais a Causa dos Portuguezes, e a estes particularmente offerecião com generosidade toda a protecção, e o refugio para a sua Esquadra, donde gratuitamente os transportassem ao Brazil. Mas nem esta mesma fortuna se realisou como se esperava: porque desejando emigrar infinitas familias, bem poucas dellas se tem podido salvar a bordo dos Inglezes; sendo bem digno de notar-se entre outros casos tristes, aquelle do Padre Castro Vigario de Taguay, que sahindo de Paço d'Arcos a 15 de Janeiro com hum Official de Cascaes, em huma muleta a quem derão quinze moedas, e demandando a primeira Não da Esquadra, depois de terem já metido a bordo o seu fato, o Commandante fez sair tudo por força; e voltárão para dentro da muleta, que já fazia muita agoa por cauza dos encontros que o mar lhe tinha feito dar no costado da Não naquella noite de tempestade. A pezar de tudo isto ainda se não desvaneceo a antiga affeição aos Inglezes, e a esperança de que só nelles poderemos encontrar soccorro em nossos presentes desastres. Huma prova destes reaes sentimentos foi a alegria, e as aclamações, e vivas com que nos principios de Janeiro foi recebida em Setubal huma Fragata Ingleza Parlamentaria, que trouxe despachos occultos para o Governo Hespanhol, e Francez, chegando o povo daquella Villa a levar quasi em braços, e em triunfo o Official da Fragata quando a ella se recolhia da sua commissão. E he necessario confessar, que as esperanças

dos

dos Portuguezes não são mal fundadas, por serem as forças Britanicas as unicas que podem apoiar a sua existencia maritima e commerciante: os mesmos Francezes em Lisboa tem experimentado a superioridade, de seus rivaes nesta parte, quando não poderão defender duas Barcas Canhoneiras, que aquelles lhe vierão buscar por diversas vezes mesmo dentro ao Tejo; nem tão pouco embaraçar-lhes as repetidas aguadas, que vem fazer nos pôrtos da Costa, e os Viveres e refrescos que delles levão, como de Cintra, Colares, Cezimbra, Ericeira, &c.

Envergonhado talvez Junot por estas e outras sortidas, e querendo cortar toda a communicação com os seus Inimigos de fóra, chegou a lembrar-se de prohibir a todos e quaesquer bateis de pescaria permanecer no mar hum só momento antes do Sol nascer, e depois de se pôr; cuja determinação foi por elle mesmo derrogada, quando logo vio, que deste modo não fazia mais do que tornar-se ridiculo aos Inglezes, e aumentar a fome dos Portuguezes.

## §. XXI.

Entre tanto pensava Junot, que suavisaria o resentimento dos Portuguezes com algumas demonstrações de amizade e passatempos de prazer. Para isto fez convidar por bilhetes impressos a quasi todas as familias da Nobreza e do Commercio para hum banque-

te,

te, partida de Jogo, Muzica, e Baille, que magnificamente fez preparar em sua caza no dia de Reis 6 de Janeiro á noite. Faltou hum grande numero de Fidalgos pelo parentesco, que tinhão, ou afectarão ter com o Marquez de Vagos, que se achava em artigos de morte; outros procurarão outras desculpas para não mostrarem que obsequiavão os inimigos da Patria; mas D. Francisco de Almeida sem procurar desculpas, e abrindo francamente os seus sentimentos disse: Que elle não tinha os costumes dos Selvagens do mar do Sul, que bailavão e cantavão sobre as Sepulturas dos seus maiores. Com tudo sempre apparecerão alguns Fidalgos, e Fidalgas; e entre estas a Condeça da Ega, que no mesmo dia tinha chegado de Madrid, com quem Junot entreteve hnma larga conversação, e depois frequentou muito a sua Caza, brindando-a com ricos presentes, como são parelhas da Caza Real, e até com a Carruagem nova da Duqueza de Cadaval, de que diariamente se serve. Apparecerão tambem as filhas da Condeça de Rio Maior, e a cazada com D. Luiz Machado he que foi o par de Junot nas contradanças. Mas no meio disto fez-se muito reparo, que apparecessem certas mulheres desconhecidas, ou para milhor dizer muito conhecidas em Lisboa, como as Malsins, as filhas do Cappitão de Arroios, as filhas do Barreto &c. &c. ainda se fez mais reparavel, que a pessoas desta qualidade se fizessem os mesmos prezentes, que se tinhão feito ás Fidalgas; taes forão as filhas do dito Cappitão de Arroios, a quem

o General de Laborde mandou huma Berlinda doirada com parelhas da Caza Real. Algumas acções e ditos particulares se observarão nesta Assemblea, que caracterizão muito bem os individuos que nella se acharão, mas que por não serem muito publicas e por evitarmos differenças odiozas, remettemos tudo ao silencio.

## §. XXII.

Estes passatempos que para a maior parte do povo erão objecto de zombaria ou de indignação, com tudo para certas pessoas servirão de estimulo, e de exemplo digno de imitar-se. Poucos dias depois se deu em caza de José de Seabra hum famoso jantar ao General Kellerman com o pretexto de que era seu parente, a que assistirão mais alguns Francezes e Senhoras Portuguezas: bebeo-se muito á saude do Grande Napoleão, notando-se que todos se levantarão em pé á excepção de duas Senhoras, que ficarão sentadas; e notando-se ainda mais, que nesse dia o dono da caza appareceu de chinellas e barrete, e com as Insignias de Grão Cruz. O Sobrinho do Negociante Bandeira deu tambem o seu jantar que foi ainda muito mais famigerado: porque para elle se preparou Junot com maior pompa e ostentação do que costumavão ter os Reis de Portugal, com Coches de Estado, guardas de Cavallaria, Trombetas &c. Ali se vio todo o

Es-

Estado Maior dos Francezes vestido com o mesmo luzimento; e até concorreo muito maior numero de Fidalgos Portuguezes do que em caza do mesmo Junot. Dizem que Bandeira tivera hum motivo particular para fazer hum tão despendioso obsequio: e foi o perdão que alcançou do Governo Francez da pena de setecentos mil cruzados, em que tinha cahido por não dar ao manifesto huma grande partida de manteigas, que lhe vierão consignadas de Inglaterra; julgando-se que devia ficar sómente sujeito a esta pena o outro socio e consignatario José Antonio Pereira, cujos bens se achão effectivamente sequestrados. Neste banquete não achou Junot todo o prazer que esperava, porque estando sentado á Meza, ahi mesmo recebeo despachos e cartas da Esquadra Ingleza com noticias taes, que não pôde dissimular a sua perturbação, levantando-se acceleradamente, e sahindo pela caza fóra aonde não tornou, senão pelas onze horas da noite.

## §. XXIII.

Cada dia hia tomando Junot o ar mais decidido de hum verdadeiro Déspota, não se embaraçando já muito com salvar as aparencias da decencia, nem com a attenção e respeito devido ás authoridades constituidas do Reino: por si mesmo, ou por seus Commissarios julgava e decidia as causas mais arduas, e crimes capitaes; estabelecia reformas, e derogava as Leis.

Hu-

Huma certa Senhora e Fidalga de Lisboa que se achava reclusa em hum Convento lhe escreveo huma carta, em que se queixava amargamente das Justiças de Portugal, rogando ao representante de Napoleão satisfação e vingança, para ella, e para o seu amante, causa dos seus infortunios; protestando-se desde já por vassallos do Monarca Francez. Bastou isto para alcançarem de Junot a seguinte Carta.

MADAMA. Não he inultilmente que a innocencia opprimida se dirige ao representante do Grande Napoleão; seu poder abraça o Mundo, e a sua Justiça he distributiva tanto para os Vassallos, como para os Reis. Eu vos mando pôr em liberdade, e que se vos dê hum passaporte para Lisboa: vinde, e aqui vos será facil fazer sahir das prizões da Cidade do Porto o Ente que vos interessa, e que como vós foi a victima do orgulho Ministerial. Eu vos protegerei a ambos. Tenho a honra de ser vosso muito attento Venerador.

Junot.

NAÕ era só por libertar os prezos que Junot exercia a sua authoridade; era igualmente por encarcerar os homens livres e innocentes, como succedeo a Bernardo José de Souza Lobato, que por huma carta que recebera de seu Irmão de bordo da Esquadra do PRINCIPE REGENTE, se reputou réo de grande crime, sendo constrangido a vir á presença de Junot, que o maltratou de palavras e obras, e o fez conduzir a hum rigoroso segredo do Castello, aonde esteve por espaço de hum mez, sendo necessario para a sua sol-

tu-

tura toda a protecção e valimento dos Condes da Ega. Igual sorte esteve a ponto de correr o cunhado do sobredito, João Diogo de Carvalhoza, a quem os Francezes se atreverão a pedir contas do bolcinho particular do PRINCIPE REGENTE. Mas ao reprezentante de Napoleão não era bastante lançar ferros aos Portuguezes; era preciso que fizesse correr o seu sangue, como succedeo em Mafra com a morte de hum pobre lavrador da Villa da Atouguia chamado Jacinto. Este simples paizano tinha sido roubado pelas primeiras Tropas Francezas, que passarão para a Praça de Peniche, e querendo defender-se dos seus inimigos, que julgava tambem inimigos da Patria, inflamado pelas queixas de seus visinhos, que tinhão sido roubados como elle, foi immediatamente á Villa d'Obidos a pedir auxilio de Tropas ao Coronel do Regimento de Freire, que ali se achava. Disse-lhe que a sua intenção era dar a morte a todos os Francezes que continuassem a passar pela sua terra.

Ninguem escuzará este pobre rustico de hum erro de entendimento; mas o seu erro nascia de hum verdadeiro Patriotismo: e o que he bem digno de lamentar-se, he, que o seu Patriotismo foi julgado hum grande crime pelo Juizo dos mesmos Portuguezes; porque o proprio Coronel de Freire, em lugar de o instruir como ignorante, o foi delatar como rebelde aos Francezes, e por isso cahindo o infeliz Jacinto nas garras do Brigadeiro Taunier, Commandante da Praça de Peniche, poucos dias depois foi morrer arca-

buzado em Mafra por Sentença de huma commissão Militar Franceza.

Para maior desgraça esteve este pobre homem a ponto de morrer sem Sacramentos, senão fossem os cuidados e diligencias de hum Religiozo Arrabido do Convento de Mafra, que com elles lhe acudio quasi no momento de sua triste morte. E de passagem nos seja permittido notar aqui, que este Religiozo era hum dos oito, a que os Francezes reduzirão todos os Sacerdotes da Real Basilica de Mafra.

## §. XXIV.

Porém não ha hum facto que melhor dê a conhecer o espirito dos Vandalos modernos, que se chamão nossos Protectores, do que a tragica scena que aconteceo na Villa das Caldas nos fins de Janeiro. Parece que o Céo tinha destinado aquelle desditoso Paiz para sentir os mais féros golpes da tirania e barbaridade Franceza. Havia mais de hum mez, que no Regio Hospital daquella Villa se achavão quatrocentos Francezes, comendo todos os mantimentos que havia de sobrecelente, e consumindo as suas rendas futuras, de maneira que por muitos annos não podem prestar o costumado soccorro e curativo aos pobres: e estes hospedes não estavão tão doentes, que não tivessem commettido varias desordens, e disturbios na terra, e indisposto contra si

os

os animos dos moradores ; até que finalmente apparecerão hum dia sete granadeiros moços , e robustos , que se julgarão mandados de proposito da Praça de Peniche , a insultar as pessoas mais pacificas , que encontravão , e a desatender algumas mulheres na sua propria caza.

N'uma destas cazas que fica na rua do Olival se ouvirão altos gritos de huma mulher, que se queixava dos Francezes : acudio a visinhança , e varios cadetes e soldados do segundo regimento do Porto , que então ali se achava aquartelado : travou-se huma rixa em que ficarão feridos alguns Francezes.

Não deve dissimular-se que o povo appareceo quasi todo armado no meio das ruas , porque os Francezes sahirão a formar-se todos em Batalhão cerrado , e armas carregadas ; mas he certo e verdade pura , que os Portuguezes não derão hum só tiro , nem houve huma só morte , nem mesmo ferida perigosa. Mas o Brigadeiro Taunier não satisfeito ainda com as extorsões e despotismos , que já tinha praticado na terra , sequiozo de dar hum exemplo de sangue e de terror , pintou este cazo a Junot com as mais vivas cores que lhe sugerio a sua natural ferocidade. A consequencia foi apparecer dentro de poucos dias rodeada a Villa das Caldas de hum pé de Exercito de quasi seis mil homens de Infantaria , de Cavallaria , e nove peças de Artilharia. No mesmo dia em que chegarão começou huma horrorosa pilhagem nas cazas , e nos campos ,

que não cessou em todos os seis dias que ali estiverão, e a que não escapou gado, pão, vestidos, trastes, vinho, azeite, dinheiro, do rico, e do pobre.

No dia seguinte que era hum Sabbado prenderão-se perto de vinte pessoas, paizanos e Soldados do Porto: no Domingo e na Segunda feira se inquirirão, e acariarão muitas pessoas, a que assistia o Juiz de Fóra da Terra Antonio Amado na prezença do General Loyson Chefe do Exercito, e da comissão mandada por Junot: e finalmente na Terça feira pela manhã sem mais Processo, nem figura de Juizo se mandarão sahir da prizão Pedro José Pedroza Escrivão da Camara, João de Proença filho do Correio Mór, ambos rapazes de vinte annos, hum Padeiro da Villa chamado Cazimiro, hum Tenente do Regimento do Porto chamado Manoel Joaquim, hum Cadete, tres Soldados, e hum Tambor do mesmo Regimento: tres ou quatro Clerigos acompanharão estes nove desgraçados desde a Cadêa até a hum Campo, que fica nos arrebaldes da Villa; e este foi todo o tempo e todo o soccorro espiritual que lhes foi concedido. Forão notificadas todas as pessoas de alguma representação da Villa para assistirem: e no meio do Exercito, e da Artilharia, que formava os tres lados de huma grande Praça vazia, todos os nove padecentes forão arcabuzados com poucos tiros, que ainda lhes deixarão alguns momentos de vida, para lançarem pungentes gritos de agonia, e horriveis gestos de morte. Em todo aquelle dia hum terror inexplicavel se apo-

de-

derou dos moradores, que se fecharão em caza. Na Quarta feira seguinte no mesmo sitio, e no meio do mesmo bellico apparato se mandou formar o segundo Regimento do Porto, e com a maior infamia se lhe despirão as Fardas, e se lhe tirarão as armas, lançando-se com desprezo as Reaes Bandeiras sobre os Tambores; e dissolvido o Corpo, na mesma hora se dispersarão os Soldados para fóra da Villa. Deste modo se vingarão de hum Regimento que na Guerra do Rossilhon lhes fez sentir os golpes da sua bravura.

## §. XXV.

Como os Francezes continuão a esgotar até o ultimo real que sintão no Hospital desta desgraçada Villa, não está ella livre de vir reprezentar por mais vezes a mesma scena de sangue por qualquer leve motivo que possa dar-se. Com effeito isto he o que temem aquellas pobres gentes.

Porém não se temem tanto em Lisboa semelhantes barbaridades capazes de revoltar o povo daquella Capital, que ainda não está tão despovoada que não meta respeito aos seus proprios oppresores, que não pódem deixar de significar huma especie de surpreza e desgosto todas as vezes que se lhes diz, que a população de Lisboa he avaliada pelo baixo em seiscentas mil almas. Por isso elles se virão obrigados a não poder tomar huma vingança exemplar do tumulto de

13 de Dezembro ; pois que os individuos prezos por essa occasião , assim como alguns, outros suspeitos de matar Francezés por todo o Riba-Tejo, e remettidos ás Cadeas de Lisboa , todos tem sahido soltos e livres , e julgados innocentes pelas proprias commissões Militares Francezas , que Junot lhes tem nomeado. Talvez que tambem concorresse para esta differença de Juizos, e disparidade de Sentenças a diversidade de outras circunstancias ; porque nas Caldas o Juiz de Fóra ameaçado já pelos Francezes, de que lhe havião cortar a Cabeça, e aterrrado por outros motivos, bem longe de intentar a defeza dos Réos , chegou a confessar particularmente que os Francezes querião padecentes por força, e que elle por força lhos havia de dar ; e que o maior favor que podia fazer era livrar os Pais de Familias , e entregar os filhos que fazião menos falta: ao mesmo passo que em Lisboa os Francezes tem tido a humanidade de admitir hum Advogado , ou defensor Portuguez para defender os accuzados ; e este defensor tem sido quasi sempre D. Francisco de Almeida , que tem todo o desembaraço e liberdade para fallar , e todo o saber para persuadir os seus Juizes pelos principios da sua propria Legislação e codigo criminal ; devendo aqui advertir-se de passagem , que os Francezes tem mostrado logo do principio hum grande desprezo das Leis Portuguezas , servindo-se nos seus Juizos , e inculcando a todos o Codigo Napoleão ,

de

de cuja tradução se vai já fallando, e da sua promulgação em Portugal.

## §. XXVI.

Se Junot não tem respeitado as regras da Justiça não he muito que tenha tratado com a mesma indiferença os Magistrados executores dellas; o Intendente Geral da Policia Lucas de Seabra he quem tem sofrido as mais publicas reprehensões, e baixos tratamentos; chegando hum dia a dizer-lhe na sua face e diante de varias pessoas, que elle era indigno do lugar que occupava, por lhe não da huma conta fiel de todas as acções e palavras que se passassem no maior recondito das familias, e em todos os bairros da Cidade; e que se os tumultos do povo continuassem, elle ficava responsavel com a sua cabeça. Ainda lhe disse mais, que em Lisboa havia muita gente vadia e ociosa, que era necessario espionar; muitos Desembargadores sobejos, e Fidalgos inuteis, perigosos ao Governo, e de que era necessario desfazer-se. Não se envergonhou de dizer, que quando elle era Governador de París, desempenhava tambem os deveres do seu cargo, que até sabia todas as manhãs com quem tinhão passado a noite as mais bellas Cortezãs da Capital. Por estas e outras semelhantes palavras se póde concluir não só a grosseria dos Generaes escolhidos por Bo-

naparte, mas até o espirito de espionagem e de tirania, com que pertende governar a Europa; e por isso se falla já muito, e he provavel, que cedo se veja em Lisboa hum Tribunal de Policia Franceza, huma terrivel Inquisição de Estado, insaciavel de sangue, e de victimas da sua desconfiança e do seu odio. Pelo mesmo espirito de altivez e atrevimento he que Junot praticou aquella acção notavel do dia 14 de Janeiro, quando se apresentou no Arsenal da Fundição montado em hum cavallo do PRINCIPE chamado o Pasteleiro, e apeando-se entrou em todas as Officinas com gestos de furioso, atacando e descompondo quem quer que lhe apparecia, e particularmente ao Coronel Carlos Juliani, por causa de não terem já começado a gravar em todas as armas as insignias Francezas: vomitou injurias e improperios contra a Nação em geral, dizendo entre outras parvoices, que mais valia hum Sargento Francez do que hum General Portuguez.

Fez arrancar immediatamente e lançar por terra as armas Reaes, que vio em cada huma das Cazas do Arsenal. Passou daqui á Fundição de cima aonde fez os mesmos terremotos, e tanto se esbravejou, que o mesmo Coronel Francez, Prost, disse para o Intendente José Botelho: = Sacro Dio! Monseigneur avoit la tete revoltée. = Algumas pessoas se lembrarão de dizer que Junot estava esqentado de vinho, como costuma: outros disserão que

não

não ; que era hum accesso de colera em que o tinha posto huma especie de vaia, e de assoada, que lhe deu a populaça na rua, quando o vio passar montado no Pasteleiro, que sabia mandar muito mal, dando provas de que não nascêra para montar hum tal Cavallo, ou que o bruto não fôra ensinado para hum tal Cavalleiro. Se este foi o incentivo de tanta raiva para o bravo General, muitas vezes se deve elle ter embravecido, porque muitas tem sido as satiras e motejos populares por occasiões semelhantes : tal foi o dissabor que elle se vio obrigado a engolir com mais moderação no dia do enterro do Marquez de Vagos a 8 de Janeiro. Primeiramente tinha elle ordenado, que não fosse de noite, por temer o ajuntamento do povo, e das Tropas, que necessariamente o havião acompanhar como General da Provincia; quiz que fosse de dia, e quiz elle mesmo apresentar-se á testa de varios Batalhões Francezes; mas o povo excitado com a vista das Tropas Nacionaes não pôde conter os rizos e os escarros que surdamente lhe derão quando passava.

## §. XXVII.

Todos estes procedimentos de Junot erão como huns ensaios com que se exercitava para dar o ultimo remate ao seu plano, e para coroar a obra da ti-

tirania; e este remate estava guardado para o primeiro dia de Fevereiro. Principiou este dia por se cobrirem as Armas Reaes do Portão da Ribeira das Náos com hum grande painel de madeira, em que se vião pintadas as Armas do Imperio Francez, que erão huma Aguia com coroa Imperial, e hum rayo nas unhas, com a cifra de Napoleão; cuja ceremonia se foi praticando nos dias seguintes nos lugares mais publicos, em que se achavão as Armas Reaes, como no Palacio da Inquisição, no Depósito, etc. A's nove horas appareceo no Rocio o Conde de Novion á testa de varios Regimentos Francezes de Infantaria, que os fez postar em duas álas desde a porta do Palacio da Inquisição, em que estava a Regencia, atravessando o Rocio pelo Chiado acima até á porta do Quartel General em caza do Quintella. Neste meio tempo estavão avisados todos os membros da Regencia para se acharem encorporados no dito Palacio do Governo; e dizem que juntamente receberão a cominação, de que por suas cabeças pagarião qualquer tumulto ou revolta, que naquelle dia houvesse no Povo. Pouco antes do meio dia apparecerão algumas Berlindas com criados da Caza Real, que conduzirão para o Palacio da Regencia os Ministros do Governo Francez, como Herman, que já dissemos ser Ministro das Finanças; veio tambem Mr. Lhuitte, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e da Guerra; e outros funccionarios publicos, que

sui-

subirão para as Salas da Regencia. Logo depois do meio dia marchou Junot por entre as álas dos Soldados, a cavallo com todo o seu Estado Maior, e hum numerosò acompanhamento de Generaes, e Officiaes de Graduação, no centro de hum grande Batalhão de Cavallaria: vierão a recebello os Ministros Francezes mesmo ao pateo do Palacio; e sobindo com elle encontrarão na primeira Sála os Gorvernadores Portuguezes, Salter, e Brainer; na segunda, Noronha, e Abrantes; na terceira o Principal Castro com o resto dos seus Collegas. Nesta terceira Sála estava preparada huma Magestosa cadeira para Junot, que sentando-se, se levantou logo para ouvir ler de pé por hum dos seus secretarios o Decreto do Imperador, em que o constituia Governador do Reino todo, sem excepção de nenhuma de suas Provincias. Immediatamente quantas pessoas ali se acharão lhe derão os parabens; e elle ali mesmo passou a nomear por Ministros do novo Governo Francez a alguns dos extinctos Governadores Portuguezes, que derão demonstrações de que muito o estimavão; excepto João Antonio Salter, que absolutamente se escuzou, e o Principal Castro que não aceitou, senão depois de repetidas instancias de Junot, que lhe apertou a mão, dizendo-lhe, que o mesmo Imperador lho pedia. Vierão todos acompanhar Junot até baixo, seguindo-o na mesma ordem até ao Quartel General: ao mesmo passo o Conde de Novion fez dar sinal por

fo-

foguetes do ár, para que o Castello désse huma Salva Real de vinte e hum tiros, a que corresponderão as Embarcações de Guerra, e as Fortalezas, e até dizem que todos os Fortes ao Norte da Costa até á Praça de Peniche: e desde este momento se vio tremular em quasi todos os lugares publicos, e do costume, o Pavilhão Francez.

## §. XXVIII.

Todo o Mundo entendeo que este acto, era o ultimo golpe dado ao Governo, e á independencia de Portugal; mas ainda assim mesmo não deixava de causar huma nova dôr e afflicção, quando nos dias seguintes se vião hir desenvolvendo as consequencias deste acto nos respectivos Editaes, que cobrião as esquinas de Lisboa nos dias seguintes. Por quanto logo no dia 2 appareceo a incrivel Proclamação, em que se julgava por extincta a Caza Real de Bragança pelo supposto crime da Emigração: e aqui não podemos deixar de exceder alguma cousa os limites da Historia, para que por meio de humas breves reflexões conheça todo o Mundo o abismo enorme da maldade e ignorancia que cegou os Francezes na usurpação de Portugal. Em nenhum dos outros miseraveis Estados da Europa, que elles tem invadido, commetterão hum crime tão horrendo como este por todas as suas circunstancias. Bas-

ta

ta a vil perfidia, e a traição aleivosa, o descaramento, e nenhuma vergonha, com que elles entrárão debaixo do nome sagrado de amigos e de Protectores, sendo recebidos e tratados por toda a parte como taes; ao mesmo passo que trazião já no coração o malvado intento de detronizarem o PRINCIPE mais justo da Europa: elles o tinhão já publicado em París no Monitor de 16 de Novembro, que desde então anunciava = Le PRINCE REGENT du Portugal a perdu son Throne = Não era o imaginario crime da Emigração que então se buscava por pretexto de hum semelhante atentado; erão outros motivos ainda mais frivolos, que elles mesmos calarão na Proclamação de que tratamos, para lançarem sómente mão da Emigração, com que agora pertendem triunfar aos olhos de gente Idiota, e ignorante. Nunca pelas Leis fundamentaes de nenhum Estado da Europa, e muito menos pelas de Portugal foi vedado a hum PRINCIPE sahir dos seus Estados por interesse do mesmo Estado, ou da Sua Real Pessoa.

As providencias dadas nas Cortes de 1641, tinhão em vista hum objecto mui differente relativo á Catastrofe de 1578: isto entende e sabe qualquer rabula Portuguez que tenha lido as ditas Cortes; mas os Sabios Francezes deste seculo parece que ignorão tudo. Quando o PRINCIPE REGENTE sahisse dos seus Estados, nem por isso se podia julgar logo por Emigrado, segundo as mesmas Cortes;

quan-

quanto mais não sahindo elle dos mesmos Estados, mas hindo vizitar a mais rica e a mais vasta porção delles, não só por sabias medidas de politica e de Governo, por decóro e por dignidade da sua Coroa, mas por grandes e verdadeiros interesses da sua Nação em Geral. Quem deu a hum Côrso baixo, e vil a authoridade e o direito de tomar contas de sua conducta a hum PRINCIPE SOBERANO e Independente? Se os Portuguezes senão lembrão do crime da Emigração, que nunca existio, se respeitão, se amão e adorão o Herdeiro de huma Caza que elles mesmos chamarão para o Throno, que levantarão com tanto sangue, e acções de tanta Gloria, se elles não querem, e não podem conhecer outro Monarcha; qual he a razão porque este Côrso atrevido despreza este Monarcha, e despreza a Nação inteira, para se ingerir elle mesmo a dominar como escravos huns Povos livres que o aborrecem? Acaso terá entrado na sua cabeça tão altiva e soberba como a de Lucifer, que os Portuguezes lhe tem conferido tacitamente os direitos da Soberania? Póde presumir-se este voto, e esta vontade de huma Nação, que sempre zombou das cousas de França, e que nos velhos adagios de sua linguagem sempre chamou roupa de Francezes ás mais vís bagatellas e ás maiores ridicularias do Mundo? Imaginará o Côrso que elle tem feito mudar esta opinião dos seculos com as suas sanguinarias proezas, com que á 15 annos faz profissão de carni-

niceiro, e de ladrão, destronizando Principes, roubando Familias e Cidades, fazendo correr rios de sangue humano, devorando victimas da sua ambição incommensuravel, e amontoando serras de cadaveres, para se entronizar sobre ellas com olhos furibundos e melancolicos, com vizos de Tigre ou de Demonio? Não: elle não tem feito mudar a velha opinião contra os Francezes: elle os tem feito além de ridiculos, abominaveis: e desengane-se elle, que quando os Portuguezes não tivessem hum Herdeiro legitimo da Caza Real que os governasse, quando, por impossivel, não achassem hum Portuguez benemerito que fizessem montar sobre o Throno, elles hirião buscar para seu Rei hum Turco, e hum Argelino, antes do que o fero Monstro da Corsica, que não tem religião, nem piedade, nem humanidade, nem Justiça, nem sciencia; mas só impostura e atrevimento. Conheça pois a Europa e o Mundo, que os Portuguezes não fazem por ora mais, do que ceder por hum pouco ás fataes circunstancias do tempo, que no fundo da sua alma vive, e cresce o Patriotismo, que senão acabou nem extinguio nos sessenta annos do captiveiro de Hespanha; e cuja explosão deve ser ainda mais forte á proporção das maiores injustiças, e atrocidades, que tem soffrido debaixo da segunda tirania. Esperamos que se nos releve esta digressão, e desafogo de nossas justas magoas, e continuemos na triste narração

ção dos factos que forão consequencias necessarias da acção do primeiro de Fevereiro.

## §. XXIX.

No dia 2 de Fevereiro appareceo hum Edital em que se organizava parte do novo Governo; e nelle se nomeavão os Portuguezes que para o mesmo Governo forão chamados; a saber: O Principal Castro para Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos, que á Franceza se denomina o Ministro dos Cultos, e juntamente para Regedor das Justiças não só do Distrito da Caza da Supplicação, mas de todo o Reino. Pedro de Mello Brainer para Ministro adjunto a Mr. Herman nas Repartições dos Negocios do interior, e das Finanças. O Conde de S. Paio para Ministro adjunto a Mr. Lhuitte nas Repartições da Marinha, e da Guerra: os outros exGovernadores ficarão excluidos. Tambem forão chamados outros Fidalgos para occuparem importantes empregos Militares; como foi o Marquez d'Alorna para General das Provincias da Extremadura, Beira, e Minho; e Gomes Freire para General das outras tres Provincias, Alentejo, Algarve, e Tras dos Montes. Mas estas nomeações parece sómente que forão feitas para mostrar que se não desprezavão absolutamente todos os homens benemeritos de Portugal; porque por outra parte se observa que o novo Governo não faz delles

les todo o apreço e estimação, nem lhes dá toda a confiança que se presumia. Em quanto aos Ministros de Estado tem-se reparado que elles acompanhão mui servilmente os primeiros Ministros Francezes a que são adjuntos, como fez por exemplo Pedro de Mello, que se vio seguir os passos de Herman para caza de Junot com a pasta dos papeis debaixo do braço. Em quanto aos Generaes e Militares, ao mesmo passo que parecem distinguillos, não cuidão senão nos meios de cortar toda a influencia que possão ter no Estado, diminuindo e dissolvendo quasi de todo as Tropas e forças Nacionaes de seu commando. Tem-se publicado varios Decretos para desarmar por todo o Reino os Corpos *Milicianos*, que de facto tem deposto todo o seu armamento nas mãos dos Francezes: e os Corpos de Linha, posto que não fossem ainda de todo extinctos e cassados, como succedeo ao segundo Regimento do Porto, com tudo tem-se licenciado a maior parte de sua gente, por força e por vontade; de maneira que ha Regimento que não ficou com meia duzia de seus Officiaes, e com a terça parte de seus Soldados.

Deve aqui advertir-se, que antes destes Decretos, quando se fallava, que os Soldados Portuguezes serião obrigados a jurar Bandeiras de Napoleão, entrarão logo a dezertar muitas praças de todos os Regimentos, e particularmente dos Nocturnos da Policia; outros pedirão logo suas baixas, que facilmente se lhes derão, sendo muito digno de memoria que

o Marquez de Castello Melhor, fosse o primeiro que nesta parte deo o Exemplo a muitos Fidalgos Portuguezes, que tem pedido a demissão do Serviço, alguns dos quaes não apparecerão huma só vez a Junot com insignias Militares. Entre tanto aquelles que se achão empregados no Serviço tanto Officiaes como Soldados, por gosto, ou por politica acompanharão o General Francez, Governador do Reino, na sua pompoza Parada do costume no dia 20 de Fevereiro, sendo os primeiros entre elles o Marquez d'Alorna e Gomes Freire. Alem disso tanto os Militares, como os Ministros de Estado são obrigados a hir aos Conselhos, e Conferencias de Governo, que repetidas vezes se fazem em caza de J[illegible].

## §. XXX.

Ainda que com as providencias que vão sahindo basofêe o novo Governo de estabelecer a abundancia, a paz e a Justiça, a instrucção publica, e em huma palavra, de fazer a verdadeira felicidade dos Portuguezes; comtudo não poderão já mais estes persuadir-se de tão lisongeiras promessas; porque não só tem diante dos olhos o exemplo vivo das outras Nações illudidas e enganadas, mas dentro de sua mesma caza soffrem tratamentos, e observão factos absolutamente contradictorios com as bellas palavras dos seus Protectores. Promettem estes

de

de fazer observar escrupulosamente as regras da Justiça, e ao mesmo tempo atacão as propriedades dos Particulares, commettendo os mais vís e vergonhosos latrocinios; como fez Mr. Jufre, o proprio cunhado de Junot que de caza de D. João de Almeida levou dous carros de mato cheios dos moveis mais preciosos, lançando fóra com desprezo os livros em que não via algumas bellas estampas, e pizando com indignação as flores do Jardim: Outros Officiaes, e mesmo Coroneis chegarão a furtar os talheres de prata, e alfaias de algum valor nas cazas em que se achavão aquartelados. Os mesmos funccionarios publicos parece não conhecerem outro fim mais nas funcções de seus cargos, do que o seu interesse, e o dinheiro: quem tem este genero está seguro de conseguir tudo o que pertende; por dinheiro se concederão a varias pessoas os seus Passaportes, e licença para se transportarem ao Brazil; por dinheiro se tem deixado sahir algumas Embarcações Portuguezas para fóra do Tejo debaixo do nome fantastico de Knipaussen, e de Bremen; por dinheiro se dá licença para a exportação de varios generos de Commercio prohibido, e ainda mesmo de mercadorias Inglezas, como forão quinhentas pipas de vinho de huma Feitoria Ingleza, que serão livres de todos os Direitos com a gratificação de 8$000 reis por pipa para o agente Francez desta Negociação. Não teria fim a nossa Historia se quizessemos referir todos os factos particulares, por on-

de se prova a qualidade de Justiça e de Direito, que rege o novo Governo de Portugal; basta dizer-se que o espirito de todos os nossos Protectores se manifestou pela boca do General Kellerman, quando disse diante de alguns Portuguezes = os Fidalgos temos nós já na mão; e a populaça apenas lhe deixaremos os olhos para chorar = Se deste modo executão os Francezes o restabelecimento da Justiça que promettem, não são mais coherentes nos outros ramos de felicidade publica, que anuncião as suas perfidas Proclamações. Como se hade espalhar a instrucção pelas Provincias, e como hade o Algarve e a Beira produzir novos Camões, se elles tem suspendido os ordenados a todos os Professores das Artes e das Sciencias, e se tem já consumido os cofres da Universidade e do Subsidio Litterario? Como hãode elles fazer prosperar a agricultura, depois de terem roubado os Lavradores, comendo-lhes os celleiros que guardavão para suas sementeiras, e matando-lhes os bois, e as vacas para darem aos Soldados? Como será possivel abrirem novas estradas e canaes de Navegação com trabalho de muitos braços, se elles tem despedido dos Arsenaes e Obras publicas de Lisboa os inumeraveis Artifices que se vão perder na ociosidade, e na mizeria? Como hãode elles fazer transportar de França em carretas o trigo; e o milho que se hade comer em Portugal, como loucamente dizem, se todo esse grão mal póde chegar para sustentar os bois, ou bes-

ta

tas que devem carregallo? Não; semelhantes Planos de reforma e felicidade publica não podem entrar na mais credula cabeça de Portuguez; elles não passarão dos frivolos papeis, em que se achão escritos, e bem depressa cahirão das esquinas na lama das ruas, em que serão confundidos. Ninguem crê na beneficencia, e na Protecção Franceza: as suas palavras e promessas passão hoje em proverbio ainda mais ignominioso, do que a fé Punica entre os Romanos; de tal maneira, que hoje em Lisboa hum Arrieiro, hum Barqueiro, huma Regateira, hum rapaz mesmo de poucos annos, quando querem ameaçar alguem, não dizem que hãode batello, rouballo, ou fazer-lhe qualquer especie de mal, mas sómente lhe dizem todos enfurecidos = Que hãode protegello = Porque tudo isto significa hoje a Protecção Franceza.

## §. XXXI.

Não contentes os Protectores de Portugal com as pequenas extorsões e rapinas, que fazem todos os dias, determinarão finalmente exigir huma contribuição extraordinaria, e exorbitante, com que ao mesmo tempo podessem mitigar hum pouco a sua cubiça de oiro, e debilitar a Nação nas suas forças e substancias. Para satisfazer a este dobrado objecto, he que se afixou nas esquinas de Lisboa no dia 4 de Fevereiro o famo-

so Edital, que exigio da Nação Portugueza no termo de seis mezes a somma de quarenta milhões de Cruzados, cuja exacção foi sanecionada pelo proprio punho de Napoleão no mesmo dia em que recebeo na Cidade de Milão a noticia de que o PRINCIPE REGENTE com parte de sua Corte e dos seus thesoiros tinha escapado ás suas garras. Ficou furioso de ver mal logrado hum golpe que ha tanto meditava, e se elle fosse capaz de vergonha, talvez se corresse, de que hum Principe, de que elle se não receava, por ser pacifico e Justo, fosse o unico na Europa, que n'uma hora fez voar todos os seus projectos de ambição e de tyrannia universal: constou publicamente, que se enraivecera como huma féra, que se mordera, e que nenhum dos circunstantes podera supportar o seu frenetico delirio. Foi neste accesso de mania e de vingança, que elle concebeo aquelle diabolico pensamento, pelo qual condenou a Nação Portugueza toda inteira a perder a propriedade de todos os seus bens, moveis e de raiz, pelo simples facto da entrada de suas Tropas como Amigas e Alliadas no meio desta infeliz Nação. Que este foi o seu verdadeiro pensamento assás o explica a palavra *Resgate* de que se serve no seu Decreto de 23 de Dezembro: e para que a posteridade não divide do caracter deste homem, he preciso, que todos fação esta reflexão: Que elle não se servio desta palavra, senão para encobrir o seu crime por meio de outro crime ainda mais horroroso; queria fazer hum grande roubo em Portugal; e para is-

so foi necessario suppôr os Portuguezes despojados de todos os seus bens, concedendo-lhes a graça e o favor de resgatallos pela sobredita somma de 40 milhões; achando deste modo o methodo de commetter as mais atrozes injurias debaixo das aparencias de quem faz beneficios, e ajuntando em hum só caracter a deshumanidade de hum ladrão com a vaidade de hum bemfeitor. A lição deste Edital fez desmaiar quasi todas as pessoas que passavão pelas ruas, e se juntavão nas esquinas a certeficar-se por seus olhos daquillo que repugnava ao seu entendimento; quasi todos voltavão embaçados e mudos, deixando ver na palidez do rosto a desolação de sua alma; e hum pobre homem que se deixou soltar algumas palavras contra este Edital, que acabava de ler no largo do Quintela, foi logo prezo, e por ordem de Junot metido a ferros nas prizões do Castello: mas com estes lances de rigorismo não se suffocava o rancor que havia entrado em todos os corações; começou cada hum a perder de todo o animo e a esperança, detestando, e amaldiçoando, pela boca pequena com os seus amigos a vinda e a entrada de semelhante gente em Portugal.

## §. XXXII.

A pezar de tudo isto não deixavão de se hir tomando todas as medidas mais concernentes para a prompta e exacta arrecadação deste tributo. Nomeou-se pa-

ra isso huma Junta provizional de Desembargadores, que todos os dias fazem as suas Conferencias no Palacio do Calhariz: Estes Desembargadores são Portuguezes, e os seus nomes sã; Lázaro da Silva Ferreira, Lucas da Silva de Azevedo, João de Mattos Vanconcellos Barbosa, João Manoel Guerreiro de Amorim, Secretario, Manoel Travassos da Costa, com hum adjunto Francez Mr. Millié, subordinados todos ao Herman, que da parte do Governador do Reino lhes tem communicado varias instrucções, todas para arrecadar exactamente, e nenhuma para diminuir a somma exigida. Com tudo não deixão os Francezes de bazofear de comizeração e piedade por terem admitido em pagamento as pratas e oiro de todas as Igrejas Seculares e Regulares, exceptuando apenas os Vasos Sagrados que servem immediatamente ao Sacrificio do Altar. Não deve esquecer, que nesta contribuição não são contemplados os individuos da Classe da Magistratura, ao mesmo passo que não escapão os Ecclesiasticos, cujo beneficio chegue a quatrocentos mil reis, nem as pessoas das Classes mais inferiores do Estado; de maneira que segundo o methodo estabelecido por esta contribuição he facil chegar ao duplo ou triplo da somma exigida, sem que por isso os zelosos exactores hajão de levantar mão da colheita. E estas considerações que todos fazem tem dado occasião a dizer-se geralmente: = Que os Desembargadores consagrados ao serviço de França só cuidarão em livrar-se a si, e aos seus Collegas, sabendo aliás

in-

inventar hum sistema capaz de tirar os ultimos doze vintens da algibeira do Pobre. A Epoca assignalada ao primeiro pagamento devia ser o dia 10 de Março, dia em que o Autor desta Memoria teve a fortuna de ter já escapado ás garras de seus Protectores no Continente, e por hum acaso feliz foi este o mesmo dia em que no meio do Vasto Oceano escapou ao Corso de hum Pirata da mesma Nação; e por tanto não pode dar conta das lagrimas e da afflicção de seus compatriotas nas circunstancias deste primeiro pagamento; ainda que não se póde duvidar que este fosse hum dia de pranto e de amargura em que não póde deixar de ter huma grande parte o verdadeiro Portuguez.

## §. XXXIII.

Igualmente nos achamos na impossibilidade de referir outros factos succedidos depois do dia 4 de Março, dia feliz da nossa sahida do Tejo; mas parece-nos que não arriscamos nada se annunciarmos como muito provaveis, e proximos a acontecer alguns successos, que já se profetizavão, e que são filhos do systema invariavel da oppressão e tyrannia. Tal era o recrutamento geral, ou como os Francezes lhe chamão, a conscripção de toda a mocidade Portugueza, que brevemente se verá alistada debaixo das Bandeiras de França; não para defender o Paiz em que nasce-

rão, mas para se espatriarem todos, e hirem ao longe ser as tristes victimas da ambição de Bonaparte; dando-se já a entender que os Penhascos de Gibraltar, ou os Areaes do Campo de S. Roque serão as sepulturas dos moços Portuguezes, a quem já chorão como perdidos e mal fadados as afflitas Mãys, e as dessoladas donzellas. Esta desgraça tanto se considera mais inevitavel, quanto he notoria e sabida a maxima de Napoleão, que fez a Guerra da Russia com Tropas Italianas, e fez transportar para as Costas do Baltico a flor da Milicia Hespanhola; que levou os Franceezes ao Egypto, e trouxe para Pariz a numerosa Guarda de Mamelucos.

## §. XXXIV.

Outro facto de que presenciámos os preludios, e de que já presentimos as consequencias, he a jornada dos Fidalgos para Bayona de França; no qual não podemos deixar de ver exactamente retratada outra Commissão semelhante á que ha poucos annos se dirigio da Olanda para Pariz, em que o Grande Pensionario daquella Republica acompanhado das primeiras pessoas do Estado se vio obrigado a hir pedir a Napoleão seu Irmão Luiz Bonaparte por Despota e Rei absoluto de huns Póvos, que mal podião soffrer a authoridade de hum Stadouder. Os Fidalgos que agora havião de sahir de Lisboa nos principios de Março, por insinuação

do

do Governo Francez, são: Os Marquezes de Abrantes Pai, e Filho; O Marquez de Penalva; o Marquez de Valença; D. Nuno, Irmão do Duque de Cadaval; o Conde de Sabugal; O Visconde de Barbacena; O Marquez de Marialva que se acha em Madrid; O Bispo Inquisidor Geral; O Bispo de Coimbra; forão igualmente avisados alguns Individuos da Classe do Commercio para acompanharem os Fidalgos, como o Brancamp; Gaspar Pessoa &c. Os Francezes querem inculcar que o objecto desta jornada, não he senão hum cumprimento, ou huma homenagem de Civilidade que se vai fazer a sua Magestade Imperial e Real que se devia achar em Bayona nos principios de Abril. Alguns Portuguezes pertendem que estes Enviados vão juntamente incumbidos de supplicar ao Imperador algum rebate favoravel na contribuição dos quarenta milhões, e não querem duvidar, que por fanfarronada Bonaparte deixe de anuir em parte ás suas humilde supplicas. Mas a opinião de quasi todos, e que parece a mais bem fundada he, como assima dissemos, que vão pedir hum novo Rei para Portugal: e este Rei já se preconiza que deve ser Luciano Bonaparte; não sendo provavel, como querem outros, que Napoleão haja de ser tão honrado, que eleve a este Throno Ramo algum da Familia de Bourbon, como a Rainha de Etruria, ou seu Irmão o Principe das Asturias. Porém se Napoleão espera que estes Illustres Portuguezes lhe peção hum Rei de sua escolha livre e voluntaria, claro está que não hade ser senão aquelle a quem tem

ju-

jurado fidelidade, e em cujo serviço elles e seus Maiores alcançarão as honras e privilegios que os ennobrecem. Porém se elle intenta rodeallos de baionetas e de Espingardas, e aterrallos com todo o bellico aparato de sua tyrannia, se depois de lhes ter lançado ferros aos pulços e ao pescoço pertende extorquir com violencia de suas bocas balbucientes o suffragio e a escolha por algum Principe Estrangeiro, ou por algum parente da nova Dynastia dos Bonapartes; que póde elle ganhar com tão grosseiro estratagema? Como poderá sanar o vicio e a nullidade em que labóra por sua natureza mesma huma semelhante conducta? Que nova especie de legitimidade e de Direito lhe pódem conferir huns poucos de homens constrangidos e forçados a contemporizar com os designios de hum Barbaro que os ameaça? Como podem estes mesmos homens transigir, pactear, ou fazer qualquer especie de convenção, em que se vão comprometer os interesses de huma Nação inteira, sem que por ella se achem autorisados, e revestidos dos legitimos e necessarios poderes? Só a cabeça infatuada de hum tyranno he capaz de combinar, e digerir tantos absurdos e blasfemias da razão, e do Direito natural. Mas nestas mesmas contradições he que se conhece mais ao vivo o fraudulento caracter de Napoleão, e a rara habilidade de nunca já mais cometter hum crime, que não seja complicado com outros muitos crimes; como agora succede querendo paliar a invazão e o roubo de Portugal com a coacção de huns poucos de individuos aterrados. Este grande talen-

lento de saber encadear muitas iniquidades n'huma só acção, creio eu que he filho da sua incomparavel soberba; porque outro qualquer malvado que fizesse hum delicto escutaria talvez os remorsos, e ainda que se não arrependesse ou emendasse, não deixaria talvez de confessar a sua maldade: mas Bonaparte não quer nunca mostrar fraqueza nos seus crimes; quer sempre fazer mal, e que todos creão que faz bem; antes quer destruir absolutamente todas as regras e elementos da Justiça e da Moral, do que ser convencido por ellas de que não obrou bem: succede-lhe por tanto o mesmo que a qualquer perverso obstinado, que he despenhar-se de abismo em abismo, arrojando com a sua quéda huma multidão de desgraçados.

## §. XXXV.

Póde ser que algum dos nossos leitores tenha começado a duvidar da nossa sinceridade e boa fé, por se achar já quasi no fim desta memoria sem ter encontrado hum só facto, que não redunde em desabono e infamia dos Francezes: póde ser que este escrito lhe pareça menos huma Historia fiel, do que huma novella, ou huma satyra dictada pelo espirito da paixão e do partido. Confessamos ingenuamente, que assim mesmo nos parece a nós; e que á proporção que hiamos escrevendo o que vimos, tinhamos o receio de que não seriamos acreditados; e tanto foi o

ex-

excesso do nosso espanto que ainda estando em Lisboa nos parecião sonhos os factos que se passavão debaixo das nossas vistas. Para evitar toda a suspeita de parcialidade, trabalhamos quanto podémos por excogitar alguma coisa boa que fizessem os Francezes; mas infelismente nada podémos achar até agora que socegasse os nossos escrupulos, e os dos leitores. Porém como a condição das coisas humanas he tal, que os bens e os males não andão sempre extremes e separados, mas vão quasi sempre de mistura nos successos do mundo, e como a economia da Providencia de Deos principalmente se manifesta em temperar com alguns beneficios o rigor das calamidades, e em fazer brotar os bens do seio mesmo dos males; debaixo deste ponto de vista contemplando toda essa aluvião de desastres que inundarão Portugal, não deixamos de reconhecer por beneficio, e hum grande beneficio, o desengano, e o desabuso de alguns Portuguezes, que ou por muito crédulos e ignorantes, ou por libertinos e corrompidos desejavão ver os Francezes em Portugal, esperando medrar com as quimericas reformas e bonanças que promettião. Graças a Deos que estes cegos já podem ver a luz da verdade! A maior parte tem reconhecido sinceramente o seu erro, e se tem retratado perante aquelles, que seguião a opinião contraria: Elles são agora os primeiros que indagão e esquadrinhão as marchas do novo Governo, e que contra elle gritão e declamão; bem vêm que se lhe fexão todas as portas de melhora-

mento e de fortuna, quando as antigas occupações e empregos se diminuem, ou se extinguem; e quando os novos lhe são vedados, por estarem todos os dias a chegar de França Generaes, Magistrados, homens de Guerra e de Estado, Professores de Letras e Artes, Medicos, Boticarios, Escrivães, Postilhões, e os mais baixos Misteres da Republica, que he necessario occupar, e enriquecer em Portugal. A' excepção de hum, ou outro Portuguez, de quem os Francezes tem feito caso, e que ainda assim se não dá por seguro, todos os mais detestão, e abominão os seus Protectores; de maneira que até os mais descarados, e lisongeiros se mostrão agora mais comedidos e recatados, por temerem que lhes succeda o mesmo que succedeo a certo Fidalgo, que querendo introduzir-se com Junot, e florecer no novo Governo, lhe disse com ar de adulador: *Todos nós temos a felicidade de sermos Francezes.* Ao que logo respondeo o General com ar de repulsa e de desprezo: *Et moi, je ne suis que Portugais.* Porque em fim he certo e certissimo aquelle adagio, de que se ama a traição, e se abborrece o traidor.

Eis-aqui porque estes mesmos já se ouvem louvar e engrandecer o feliz Governo Paternal do PRINCIPE REGENTE, de quem chorão a falta; eis-aqui porque elles hoje não duvidarião deixar as suas cazas para acompanharem e servirem o seu SOBERANO nos Vastos Estados do Brazil; sendo os mais anciosos no dezejo de se transportarem os Individuos

da

da classe do Commercio que se acha de todo estagnado e perdido na Praça de Lisboa, cujas Alfandegas se vem dezertas. Os mesmos Lavradores, os Proprietarios, os Artifices mecanicos, os Trabalhadores e Jornaleiros, os ricos e pobres, todas as ordens do Estado desejão e suspirão por ver ainda algum dia os seus legitimos SOBERANOS, e naturaes SENHORES. Não se falla senão nos modos e meios porque cada hum poderá effectuar o seu transporte e de sua familia; de maneira que se a Esquadra Ingleza tivesse mais capacidade, e mostrasse mais promptidão em receber os Portuguezes foragidos; a emigração não teria limites, e o Reino todo se veria em breve tempo dezerto para ir povoar o Brazil, que em poucos annos receberia aquelle gráo de força, e prosperidade que o deve fazer algum dia respeitavel entre as primeiras Nações do Mundo.

## §. XXXVI.

No emtanto os tristes Portuguezes da Europa suspirão ardentemente por se unirem com os Portuguezes da America; ainda que actualmente lhes será mui difficultosa a sua reunião: (*a*) porque os novos Van-

da-

(*a*) *Quando se escrevião estas palavras em Março de* 1808 *ninguem poderia adivinhar, que o Monstro da Corsica chegasse a detronizar com tanta brevidade, e*

dalos são muito habeis no systema da tirania, e tem tomado muito bem as suas medidas, para lhes não esca-



*com tão vil perfidia a Familia Real de Hespanha, e a commetter os outros crimes tão horrendos, e intoleraveis que pozerão nas mãos de todos os habitantes da Peninsula daquem dos Pyrineos as armas da vingança, e do enthusiasmo. A Revolução de Hespanha conduzio necessaria e immediatamente a Revolução de Portugal; e nella temos o inexplicavel prazer de ver verificadas pelos factos as principaes circunstancias do nosso prognostico na prezente Memoria: pois que já hoje em Outubro de* 1808 *temos visto que os Portuguezes tem desenvolvido as virtudes, e o caracter do mais heroico patriotismo, com que haviamos contado com toda a certeza; que era impossivel que esta brioza Nação soffresse por muito tempo a tyrannia, e o jugo infame de huns ladrões estrangeiros; e que para a Epoca feliz de tão gloriosos successos não era precizo mais do que a concurrencia de huma liga espontanea, e sincera das Nações Ingleza, e Hespanhola com a Portugueza, que heroicamente pugnão pela sua honra, e pela sua liberdade e independencia. Não se esperava mais do que por este momento favoravel: Graças a Deos, que nos mandou este momento mais cedo, do que parecia poder acontecer humanamente; a primeira explosão patriotica anticipou-se mais do que podia calcular a timida e receosa Politica; e esta he huma das circunstancias notaveis, porque a segunda*

par das unhas huma preza tão desejada. He mais que provavel que as forças Navaes da Gram Bretanha não sejão sufficientes por si mesmas para restaurarem o Continente de Portugal ; nem esta restauração parece ser já mais praticavel , menos que senão realize huma nova revolução , huma insurreição geral de todas as Potencias da Europa para reivindicarem contra o commum Inimigo os antigos direitos da sua liberdade e independencia. Então he que os Portuguezes hãode reanimar sem duvida o fogo do seu Patriotismo , e mostrar ao Mundo que nada tem degenerado os Netos dos seus Illustres Avoengos ; e então he que elles farão infalivelmente a restauração daquelles antigos Estados para o seu legitimo SOBERANO : entre tanto não resta áquelles infelizes mais do que a triste saudade dos seus Compatriotas , e a infeliz experiencia da tirania , que mais lhes

---

*Restauração de Portugal será sempre mais gloriosa , e levará muita vantagem sobre a Restauração de* 1640 *como mais largamente teremos occazião de mostrar nas seguintes Memorias , que meditamos. Não falta para inteiro complemento do Prognostico , senão a ruina do Throno que o Corso levantou sobre montões de cadaveres , e de rapinas ; elle já tem perdido muita da falsa opinião que soube adquirir , e cedo se verá submergido no abysmo da sua mesma ambição. He assim que Deos costuma confundir os Soberbos com os proprios desejos de seu reprobo coração.*

lhes estimule a honra e o valor para a occasião da vingança.

## §. XXXVII.

Mas por outra parte que vastas e gloriosas emprezas não estão reservadas neste meio tempo para os Portuguezes da America? Não he nada menos que a fundação de huma nova Monarchia poderosa e respeitavel por mar e por terra, a primeira Monarchia do novo Mundo! Logo nos principios do seu glorioso trabalho elles tem que se preparar, e defender-se contra o mesmo Inimigo formidavel que os atacou na Europa, e que de longe mesmo não cessa de os ameaçar com huma nova invasão da sua tirania: Não hãode certamente os fundadores do novo Imperio deixar-se adormecer e descuidar no meio da abundancia e da tranquillidade do Paiz que habitão; nem tão pouco se deixarão illudir pelas bellas promessas, nem aterrar pelas victoriosas Armas de seus perfidos Protectores: elles devem dar todo o credito, ainda que seja só por cautela, aos rumores que já se espalhão, e que em Lisboa tem sahido da propria boca dos Francezes, que o Conselho do Ultramar não foi abolido, como outros Tribunaes, porque bem depressa servirá á França no expediente dos Negocios do Braizl; que contra esta Colonia se maquinava já huma expedição secreta

para se realizar pela foz do Rio Doce na Capitania do Espirito Santo, e pela do Amazonas na Capitania do Grão Pará; que a Cidade da Bahia está exposta a hum saque repentino por alguns Navios de Guerra que inopinadamente a devem accommetter; que o Commercio reciproco da Costa, e a Navegação de cabotagem será continuamente interrompida e interceptada por huma nuvem de Corsarios e Armadores; que todas as Cidades Maritimas, e as melhores do interior do Brazil se verão bem depressa observadas por espiões e partidistas Francezes, zelosos do serviço de Napoleão, e que saberão mui bem insinuar-se ou com os Pedreiros Livres, ou com quaesquer outros Portuguezes, em quem percebão a mais leve razão de descontentamento do Governo; que desta maneira os Brazileiros não poderão escapar aos artificios, e estratagemas de Napoleão, cujo poder e dominio se deve estender a todas as partes do Mundo; que os Inglezes serão finalmente lançados fóra do Brazil, e que fechandose-lhes todas as portas e canaes do seu Commercio e Riqueza succumbirão sem recurso ao Imperio do Grande Déspota, e dobrarão o joelho, como as mais Nações, diante do unico Idolo, que será adorado sobre as terras e sobre os mares. Eis-aqui o que os Francezes senão envergonhão de vociferar, e eis-aqui o que infelismente poderá acontecer, se os fundadores do Imperio Brazilico não estiverem muito bem prevenidos, e acautelados contra o contagio que tem corrom-

rompido e dilacerado a Europa. Elles não hão de tomar por meros fanfarrões, e Quixotes estes homens, a quem a cega fortuna parece ter favorecido sempre para flagello da humanidade, reservando-lhes as palmas do triunfo todas as vezes que se trata de destruição e de ruina. São necessarios portanto os ultimos esforços para evadir a tempestade imminente; são necessarios todos os preparativos para huma Guerra Justa, e Gloriosa, para defender por mar e por terra as tenras plantações de hum Estado nascente, e que podem languescer, e definhar, sendo não só pizadas, mas ainda levemente bafejadas de longe por feras, ou por homens daninhos.

Cumpre abandonar e esquecer-se absolutamente de toda a especie de convenção, de tratado, de tregoa, ou de paz com huma raça de gentes que professa a traição e a perfidia: não convem hoje ao Brazil hum systema de neutralidade, ou de ambiguidade, que mostre huma certa especie de fraqueza, e que dá sempre ázos e confianças ao Inimigo victorioso e atrevido: cumpre mostrar hum caracter decidido, e protestar á face de todo o Mundo huma alliança firme com a Grã Bretanha, entrar cordialmente nos seus sentimentos de liberdade, e de independencia, acompanhala em seus projectos, tomar parte em suas emprezas, fazer causa commum, e receber della a força e o soccorro de que se preciza. Cumpre estabelecer no Brazil huma certa tolerancia politica que chame para o novo Estado as Artes e a industria, as familias

e

e os Artifices desgostozos de todas as Nações da Europa; excepto os Francezes, e mesmo os Portuguezes afrancezados, que devem banir-se, ou cuidadozamente vigiar-se. Em huma palavra cumpre fazer guerra á França, sem com tudo desprezar a paz; mas para que esta se consiga com honra, e com vantagem, he necessario forçar o Inimigo a pedilla: nisto imitaremos a coragem e o heroismo dos nossos alliados Inglezes, que muito bem conhecem, que estão perdidos, logo que verguem hum pouco e se humilhem diante de seus orgulhozos rivaes.

## CONCLUZÃO.

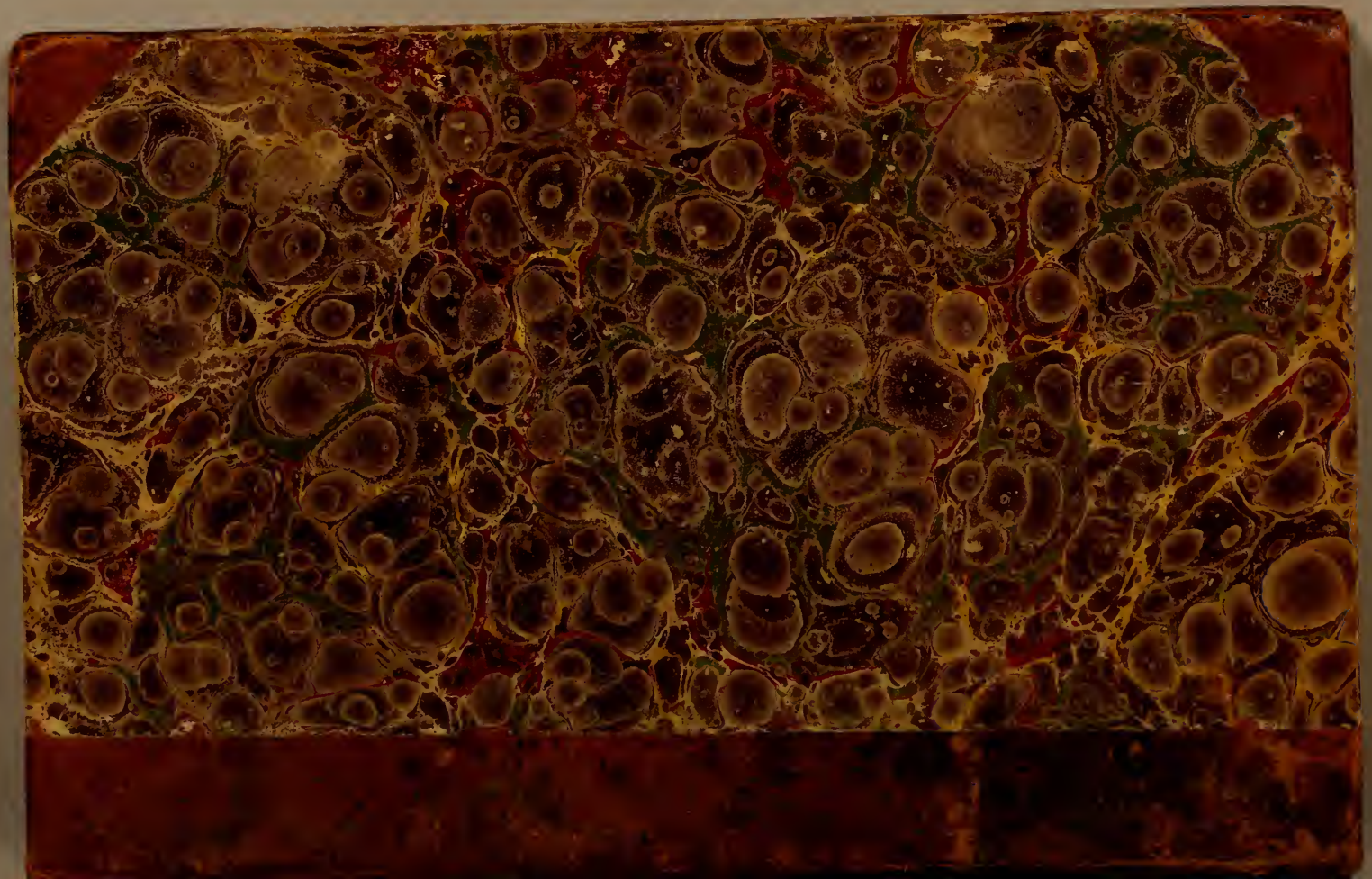
POr meio de hum tal systema de valor e de brio escaparemos certamente a novos insultos do Tyranno da Europa, que tudo concorre a fazer esperar, que não se sustentará por muitos annos sobre hum Throno de sangue e de rapina. Os nossos Inimigos serão mais trataveis quando lhes tiver mudado a fortuna: E então concluida huma paz permanente debaixo do Governo Paternal dos nossos amaveis SOBERANOS, as vastas e deliciosas campinas do Brazil se verão cobertas dos artefactos, e dos fructos das Artes creadoras: os ditozos habitantes encherão a face da terra, e as nossas Quilhas cruzando todos os Mares, levarão a todos os portos do mundo o superfluo de nossas riquezas: os Costumes dos Portuguezes nutridos pela Re-

Religião de seus Pais, e edificados pelo exemplo dos Grandes e do Monarcha darão ao novo Imperio a solidez e a consistencia, que o fará durar nos seculos futuros, para felicidade dos Nacionaes, inveja e assombro dos Estrangeiros.

FIM.

C 806
C871m
81-77
Ramer
1-16-81

# ERRATAS.

| Paginas | Linhas | Erratas | Emenda |
|---|---|---|---|
| 3 | 9 | estabelecido de seu nome | estabelecido debaixo de seu nome |
| 4 | 18 | perpetrassem morte | perpetrassem a morte |
| 11 | 22 | mesmo mesmo mez | mesmo mez |
| 13 | 10 | slguns | alguns |
| 23 | 6 | Capitàna | Capitania |
| 26 | 20 | que todas | de todas |
| 28 | 26 | arvoradas | armadas. |
| 30 | 6 | màltratava | maltratara |
| | | aquelle | este |
| | 22 | contava | constava |
| 53 | 13 | vir representar | vir a representar |
| 56 | 26 | Sacro Dio! | Sacre Dieu ! |
| | 28 | esqentado | esquentado |
| 60 | 14 | esquinas de Lisboa nos dias seguintes. | esquinas de Lisboa. |
| 82 | 1 | he mais que provavel. | he provavel. |
| | 6 | insurreição geral de todas as Potencias. | insurreição das Potencias |

Comprado em 1898 no
leilão Pereira Merello.